



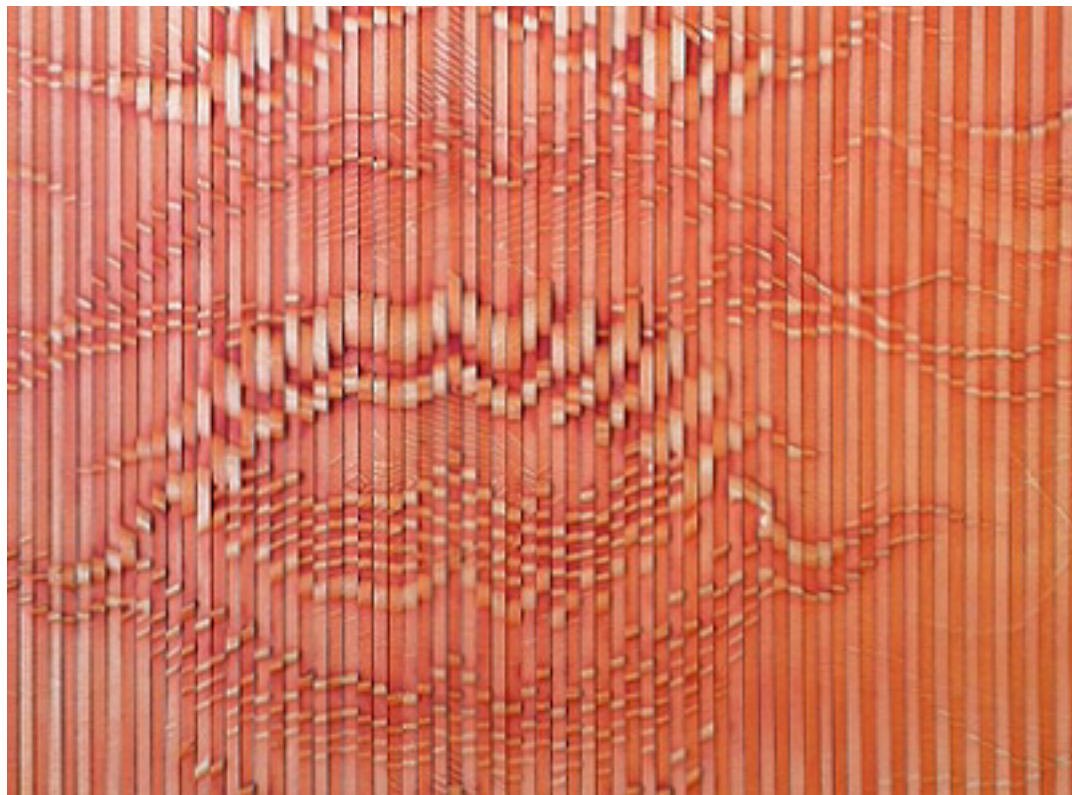
## stand / booth H01

### artistas / artists

abraham palatnik	laura vinci
alberto baraya	lucia koch
alice miceli	luzia simons
angelo venosa	marcelo silveira
antonio dias	marco maggi
artur lescher	marcos chaves
brígida baltar	melanie smith
bruno dunley	milton machado
cao guimarães	o grivo
carlito carvalhosa	oscar oiwa
cristina canale	paul ramirez jonas
eduardo coimbra	paulo bruscky
fábio miguez	raul mourão
hélio oiticica	rodolpho parigi
isaac julien	sérgio sister
josé patrício	tomie ohtake
julio le parc	vik muniz
karin lambrecht	virginia de medeiros



Abraham Palatnik  
**W** 2001  
acrílica sobre madeira/  
acrylic on wood  
detalhe/detail





Abraham Palatnik é um pioneiro da arte cinética, juntamente com Julio Le Parc, Carlos Cruz-Diez e Jesús Rafael Soto. Suas investigações nos campos da tecnologia, mobilidade e luz levaram a entendimentos inovadores dos fenômenos visuais, marcando a passagem entre arte moderna e contemporânea no Brasil. A inventividade dos seus trabalhos não apresenta paralelos nas suas experimentações com movimentos superficiais, aparatos cinéticos e relevos, ou no seu design de móveis.

Sua primeira máquina cinecromática, “Azul e roxo em primeiro movimento”, causou um impacto profundo na discussão sobre suportes entre o júri de seleção da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. Ao invés de pintura ou escultura, Palatnik apresentou uma “pintura cinética ou máquinas de pintar”, como costumava chamá-las, nas quais tecidos sintéticos, motores, luzes e a integração do espectador com o ambiente eram usados como elementos estruturais. Levando Mario Pedrosa a cunhar um novo termo em arte: cinecromático, essa foi a primeira tentativa, no Brasil, de criar uma arte utópica do futuro. Influenciado pela força da linguagem usada em trabalhos produzidos por pacientes hospitalares, o artista começou a investigar as possibilidades artísticas de uma nova técnica baseada no uso da luz e do movimento em um tempo-espaço pictórico com a ajuda das mais recentes tecnologias. Ao longo dos anos, Palatnik criou mais de 33 aparelhos cinecromáticos expostos em sete edições da Bienal de São Paulo, de 1951 a 1963, bem como na Bienal de Veneza (1964) e na Bienal de Córdoba (1966). Com seus aparelhos cinecromáticos, o artista previu a corrente construtivista que emergiria com a criação do Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) e do Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) e que se estabeleceria com o Concretismo (1956) e o Neoconcretismo (1969).

Palatnik nasceu em 1928, em Natal. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou de oito edições da Bienal de São Paulo, Brasil (entre 1951 e 1969), além da 32ª Bienal de Veneza, Itália (1964), ao lado de Mavignier, Volpi e Weissmann, entre outros. Suas obras integram acervos de instituições como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, Bruxelas, Bélgica; entre outras.

Abraham Palatnik is a pioneer of kinetic art, alongside Julio Le Parc, Carlos Cruz Diez, and Jesus Soto. His investigations into technology, mobility, and light led to a groundbreaking understanding of visual phenomena, marking a passage between modern and contemporary art in Brazil. The inventiveness of his works remains unparalleled – be it through experimentations on surface movement, kinetic apparatuses, reliefs and even furniture design.

His first kinechromatic machine, “Azul e roxo em primeiro movimento”, had a profound impact on the discussion of art materials by the selection jury of the 1st Bienal de São Paulo, in 1951. Instead of painting or sculpture, he presented a “kinetic painting or painting machines”, as he liked to call them – in which synthetic fabrics, motors, lights, and the spectator’s integration with the environment were used as structural elements. Causing Mario Pedrosa to coin a new term in art: kinechromatic, it was the first attempt, in Brazil, to create a utopian art of the future. In the late 1950s, Palatnik came in touch with Pedrosa and the D. Pedro I Psychiatric Hospital. Impacted by the potency of the language used in works produced by inpatients, from then on, the artist set out to investigate the artistic possibilities of a new technique, based on the use of light and movement in the pictorial time-space with the aid of the latest technologies. Over the years, Palatnik has created more than 33 kinechromatic devices exhibited in seven editions of the São Paulo Biennial – from 1951 to 1963 –, as well as in the Venice (1964) and Cordoba (1966). With his kinechromatic devices, the artist anticipated the constructive current – which emerged with the creation of Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) and Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) and established itself with Concretism (1956) and Neo-Concretism (1969).

Palatnik was born in 1928 in Natal. He lives and works in Rio de Janeiro. He featured in eight editions of the Bienal de São Paulo, Brazil (between 1951 and 1969), and in the 32nd Venice Biennale (1964), alongside Mavignier, Volpi, and Weissmann, among others. His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea da USP; Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, all in Brazil; MoMA, New York, United States; Museo de Arte Latinoamericano in Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, in Brussels, Belgium, among others.



Alice Miceli  
**88 from 14.000 Brasil/Camboja** 2005  
video-projeção/video projection  
56' loop



Alice Miceli cria visualizações conceituais de situações sociopolíticas, lidando com as noções de tempo, memória e morte. Interessada nos significados de mídias específicas e nas construções relativas a documentações, sua prática visa dar um novo significado a ocorrências históricas, por meio de uma estética embasada no campo do “irrepresentável”, para repensar estratégias de percepção e visualização.

“Projeto Chernobyl” (2007–09), sua obra mais conhecida, combina algumas questões de seu interesse ao desejo de manter a tradição do artista-cientista que desenvolve novas técnicas para seus projetos. Começando com o maior acidente nuclear da história mundial, ocorrido na Ucrânia em 26 de abril de 1986, Alice Miceli criou uma câmera pinhole feita de chumbo que levava um filme sensível à radiação gama. Usou essa câmera para fotografar a vasta, desabitada e ainda contaminada zona de exclusão de Chernobyl. Também criou “autorradiografias” em que coloca o filme sensível à radiação em contato direto com os objetos afetados por ela. Essa obra rendeu à artista o Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia de 2005 e foi exibida na 29ª Bienal de São Paulo, em 2010.

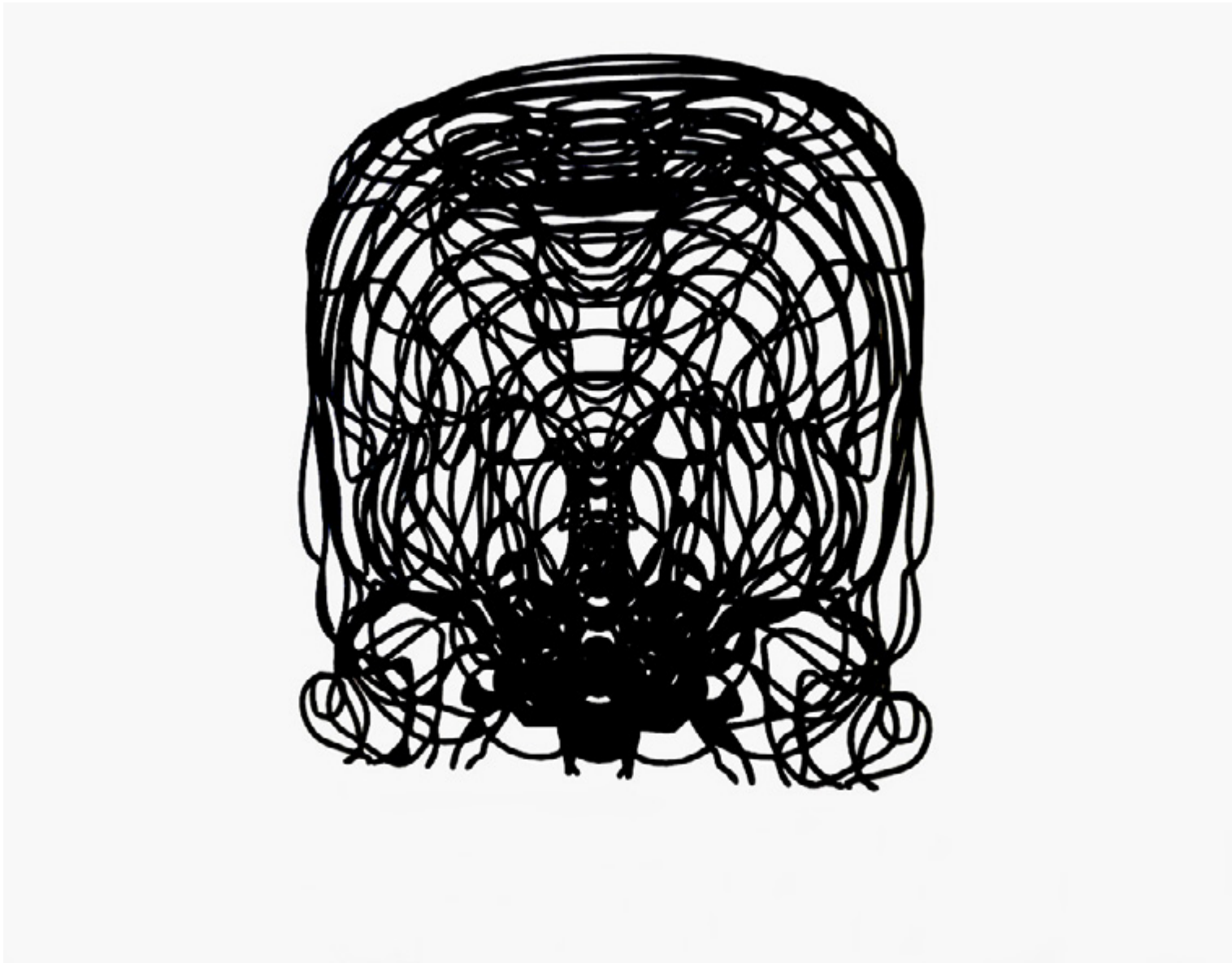
Alice Miceli nasceu em 1980 no Rio de Janeiro. Vive e trabalha entre Berlim e a capital carioca. Fez uma exposição individual na Galeria Nara Roesler em 2011. Participou da 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010), e da Mediations Biennale, em Poznań, Polônia (2012). Outras mostras coletivas incluem: *7th Japan Media Arts Festival* (Tóquio, Japão, 2014); *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Context and counteractions: Select Works by the 2013-2014 FAWC Visual Arts Fellows* (Provincetown Art Association and Museum, Provincetown, EUA, 2014); *Lossy* (Bemis Center for Contemporary Arts, Omaha, EUA, 2013); *Kin* (Fine Arts Work Center, Provincetown, EUA, 2013); *Kool-Aid Wino* (Franklin Street Works, Stamford, EUA, 2013), *Estranhamente familiar* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Caos e efeito* (Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Travessias* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2010); *Transmediale* (Berlim, Alemanha, 2005, 2008, 2009 e 2010).

Alice Miceli creates conceptual visualizations of socio-political issues, dealing with subjects such as time, memory, and death. Interested in the meanings carried by specific media and the constructions inherent in documentation, her practice re-signifies historical occurrences through an aesthetics that lay in the field of the “un-representable” in order to rethink strategies of perception and visualization.

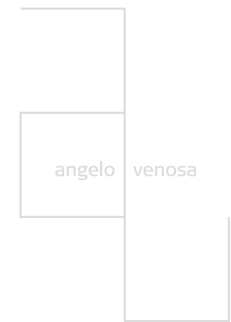
“Chernobyl Project” (2007–09), her best-known work to date, sums up a few of the issues she occupies herself with and involves an important aspect of her profile, which is in keeping with the tradition of the artist-scientist who develops new techniques for their projects. Starting with the biggest nuclear accident in history, which took place in Ukraine on April 26, 1986, Alice Miceli created a pinhole camera made of lead, which uses a film sensitive only to gamma radiation, to photograph the vast, uninhabited, and still-contaminated Chernobyl exclusion zone. She also made “autoradiographs” by placing the sensitive film in direct contact with objects affected by radiation. The work earned the artist the 2005 Sergio Motta Art and Technology Award, and was shown at the 29th São Paulo Biennial, in 2010.

Alice Miceli was born in 1980 in Rio de Janeiro, where she lives and works, alternating with Berlin. She had a solo show at Galeria Nara Roesler in 2011. She featured in the 29th Bienal de São Paulo, Brazil (2010), and in Mediations Biennial, in Poznań, Poland (2012). Other group exhibitions include: *7th Japan Media Arts Festival* (Tokyo, Japan, 2014); *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Context and counteractions: Select Works by the 2013-2014 FAWC Visual Arts Fellows* (Provincetown Art Association and Museum, Provincetown, USA, 2014); *Lossy* (Bemis Center for Contemporary Arts, Omaha, USA, 2013); *Kin* (Fine Arts Work Center, Provincetown, USA, 2013); *Kool-Aid Wino* (Franklin Street Works, Stamford, USA, 2013), *Estranhamente familiar* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Caos e efeito* (Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Travessias* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2010).





Angelo Venosa -- **sem título/untitled** 2014 -- 1/3 + 2 PA -- inox polido/polished stainless steel -- 186 x 102 cm



Angelo Venosa é uma das poucas exceções da chamada “Geração 80” que se dedica exclusivamente à escultura, ao invés da pintura. Como parte de uma nova geração que se rebelou contra a tradição do formalismo no Brasil, sua obra é uma mistura de materiais, gêneros e movimentos históricos, resultando em figuras e formas de estruturas ósseas de animais, reais e imaginários.

Juntamente com Daniel Senise (1955- ), Luiz Pizarro (1958- ) e João Magalhães (1945- ), formou o Ateliê da Lapa entre 1984 e 1990. Durante esse período, produziu suas primeiras obras tridimensionais. A partir do início da década de 1990, o artista passou a usar materiais, como mármore, cera, chumbo e dentes de animais, executando trabalhos que remetem a estruturas anatômicas, como vértebras e ossos. Suas esculturas e objetos carregam referências a eras ancestrais e surpreendem pela sua estranheza e natureza perturbadora.

Venosa participou da 19ª Bienal de São Paulo (1987), 45ª Bienal de Veneza (1993) e 5ª Bienal do Mercosul (2005). Em 2012, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro o homenageou com uma importante mostra individual para comemorar os 30 anos de sua trajetória artística. Essa mesma exposição foi posteriormente exibida na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em abril de 2013, quando foi lançada uma publicação de suas obras. Mostras coletivas recentes incluem: *Experimentando Espaços* (Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brasil, 2014); *Deslize* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Criaturas imaginárias* (Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *O tridimensional no acervo do MAC: uma antologia* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Desenho esquema esboço bosquejo projeto debuxo ou o desenho como forma de pensamento* (mostra de reabertura com curadoria de Agnaldo Farias, Gabinete do Desenho, São Paulo, Brasil, 2013); *Experiências contemporâneas* (Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, Brasília, Brasil, 2009); *Da visibilidade ao conceito 80-90: modernos, pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007).

Angelo Venosa is one of the few exceptions in what has been termed “Geração 80” who is dedicated exclusively to sculpture rather than painting. Part of a young generation that revolted against the tradition of formalism in Brazil, his works are a mix of materials, genres, and historical movements, resulting in skeletal figures that reference the bones of animals, real and imaginary.

Together with Daniel Senise (1955- ), Luiz Pizarro (1958- ) and João Magalhães (1945- ), he formed the Ateliê da Lapa between 1984 and 1990. During this period, he produced his first three-dimensional works. From the start of the 1990s onwards, the artist has used materials such as marble, wax, lead and animal teeth, producing works that recall anatomical structures, such as vertebrae and bones. His sculptures and objects carry signs that refer to ancestral eras, surprising in their strangeness and disturbing character.

Venosa participated in shows such as the 19th Bienal de São Paulo (1987), the 45th Venice Biennale (1993) and the 5th Mercosul Biennial (2005). In 2012, the Museu de Arte Moderna of Rio de Janeiro granted him a major solo show to commemorate 30 years of artistic career. This same exhibition later followed to Pinacoteca do Estado de São Paulo (April 2013), where a publication on his works was launched. Recent group exhibitions include: *Experimentando Espaços* (Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brazil, 2014); *Deslize* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *30 x Bienal*. (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Criaturas imaginárias* (Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *O tridimensional no acervo do MAC: uma antologia* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Desenho esquema esboço bosquejo projeto debuxo ou desenho como forma de pensamento* (reopening exhibition curated by Agnaldo Farias, Gabinete do Desenho, São Paulo, Brazil, 2013); *Experiências contemporâneas* (Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, Brasília, Brazil, 2009); *Da visibilidade ao conceito 80-90: modernos, pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007).



Antonio Dias  
**Air destroying gorgeous monuments / Sun Photo as Self-Portrait** 1990 / 1991  
grafite, folha de ouro e cobre sobre tela/ graphite, gold and cooper leaf on canvas  
200 x 200 cm cada/each



No início da carreira de Antonio Dias, na década de 1960, sua obra era constituída de vinhetas políticas sardônicas na forma de esculturas moles, desenhos e montagens pertencentes ao neofigurativismo e à Pop Art brasileira. Sua abordagem divertida e subversiva de erotismo, sexo e opressão política o levou a desenvolver uma obra singular e conceitual repleta de elegância formal, mas entrelaçada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Em 1966, em meio ao golpe militar brasileiro, Dias deixou o Brasil rumo a Europa. Na década de 1970, estabeleceu-se em Milão e desenvolveu uma forte tendência a trabalhos conceituais, como a série "The Illustration of Art". No final da década de 60, a participação do público se tornou uma preocupação cada vez mais pungente, como na instalação de 1968, "Do it Yourself: Freedom Territory" e "The invented country (God-will-give days)", exibida na 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, tendo o último sido adquirido recentemente pelo MoMA.

Em 1977, após uma viagem ao Nepal, o trabalho de Antonio Dias tomou um novo rumo. O que começou como uma viagem para pesquisar diferentes tipos de papel, transformou-se em uma série de colaborações com fabricantes de papel locais de Barabashi, resultando em trabalhos como "Chapati for Seven Days" (1977) e "Niranjanirakhar" (1977). Durante a década de 1980, o artista voltou sua atenção mais uma vez para a pintura, fazendo experimentos com pigmentos metálicos e minerais, tais como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite, misturando-os com uma variedade de agentes aglutinantes.

Antonio Dias nasceu em 1944 em Campina Grande, Paraíba. Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções internacionais, tais como: Museum of Modern Art, Nova York, EUA; Ludwig Museum, Colônia, Alemanha; Daros Collection, Zurique, Suíça; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique, Alemanha; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Fondazione Marconi, Milão, Itália; e Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Itália, e renomadas coleções nacionais, tais como: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; Museu de Arte Contemporânea de Niterói/Coleção Sattamini, Niterói; e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo.

Antonio Dias' early career, back in the 1960s, consisted of sardonic political vignettes in the form of soft sculptures, drawings, and assemblages belonging to Neo-Figurativism and Brazilian Pop Art. His playful and subversive approach towards eroticism, sex, and political oppression, engendered him to construct a singular and conceptual oeuvre in his art replete with formal elegance interwoven with political issues and poignant critiques relating to the system of art. In 1966, in the midst of the military coup in Brazil, Dias left Brazil for Europe, later settling in Milan in the 1970s. The year 1966 saw a stronger trend of conceptual artwork, such as "The Illustration of Art" series. In the end of the 1960s, audience participation became an increasing concern for the artist, as in the 1968 installation "Do it yourself: Freedom Territory" and "The Invented Country (God-Will-Give-Days), featured in the 29th Bienal de São Paulo, in 2010 and the latter more recently integrated into the MoMA collection.

In 1977, following a trip to Nepal, the artist's work took a new direction. What began as voyage to research different type of paper, developed into a series of collaborations with native papermakers of Barabashi, resulting in works such as "Chapati for Seven Days" (1977) and "Niranjanirakhar" (1977). During the 1980s, Dias turned his attention once again to painting, experimenting with metallic and mineral pigments, such as gold, copper, iron oxide and graphite, mixing them with a variety of binding agents.

Antonio Dias was born in 1944 in Campina Grande, Paraíba, and lives and works between Rio de Janeiro and Milan. His works can be found in important international collections such as: Museum of Modern Art, New York, USA; Ludwig Museum, Cologne, Germany; Daros Collection, Zurich, Switzerland; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munich, Germany; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Fondazione Marconi, Milan, Italy; and Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Italy and renowned national collections which include: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; Museu de Arte Contemporânea de Niterói / Coleção Sattamini, Niterói; and Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo.

Artur Lescher  
**Pêndulo # 11** 2013  
madeira/wood  
ed. 3/5 + 2 PAs  
220 x 25 cm





As esculturas de Artur Lescher procuram situações espaciais em que passem despercebidas, como intervenções sutis. O artista prefere objetos de uma só peça, suspensos e sujeitos à força da gravidade, criando uma tensão e uma relação entre o trabalho e o espaço ao seu redor. Usando materiais diversos, tais como metal, madeira, bronze e cobre, ele evoca volumes e formas familiares, mas subtraídos de sua função habitual.

Lescher ganhou reconhecimento após ter participado da 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, na qual apresentou "Aerólitos", um trabalho composto de dois balões de 11 metros de comprimento, um no pavilhão da bienal e outro colocado na área externa, em diálogo. Em 2002, criou "Indoor Landscape" para a 25ª Bienal de São Paulo, dois módulos de formato regular instalados no chão, um feito de madeira e o outro de lona e água, criando um espaço de atrito dentro do prédio projetado por Oscar Niemeyer. Recentemente, em 2013, participou do projeto Octógono com "Inabsência" (2013): uma cúpula gigantesca, que descendia do teto do átrio, dialogando com o projeto inicial de Ramos de Azevedo, autor do prédio construído em 1905.

Nascido em 1962 em São Paulo, Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da Bienal do Mercosul de 2005, em Porto Alegre, Brasil. Mostras coletivas recentes incluem: *The circle walked casually* (Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha, 2013); *Encuentros/tensiones: arte latinoamericano contemporáneo - Colección Malba + comodatos* (Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, 2013); *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013). Algumas das suas mostras individuais incluem: *Pensamento pantográfico* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Inabsência* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012), Galeria del Paseo (Punta del Este, Uruguai, 2012); e *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2010). Seus trabalhos estão incluídos em importantes coleções públicas, tais como na Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; no Museum of Fine Arts, Houston, EUA; e no Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA.

Artur Lescher's sculptures have always sought spatial situations where they intend to pass unnoticed as subtle interventions. His preference is for one-piece objects, suspended and subject to the force of gravity, creating a tension and relation between the work and the space around it. Using different materials such as metal, stone, wood, brass and copper, he evokes familiar volumes and designs but removed of their usual function.

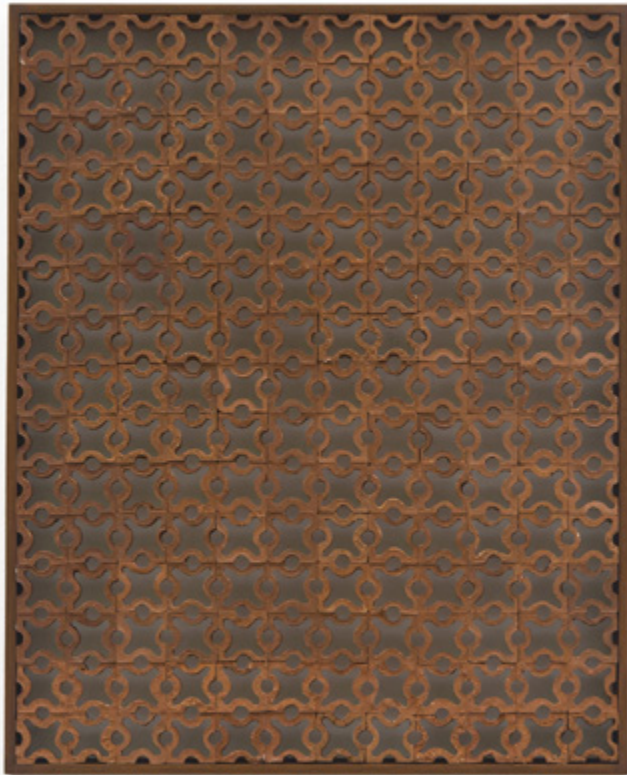
Lescher gained recognition after participating in the 19th Bienal de São Paulo, in which he presented "Aerólitos," a work consisting of two 11-meter-long balloons, one in the biennial pavilion and the other in an external area, which converse with one another. In 2002, he created "Indoor Landscape" for the 25th Bienal de São Paulo, comprising two regular-shaped modules set on the floor, one made of wood and the other made of tarpaulin and water, which create a space of attrition inside the building designed by Oscar Niemeyer. Recently in 2013, Lescher participated of projeto Octógono with "Inabsência" (In absence, 2013): an enormous dome descending from the atrium's ceiling, which dialogued with the initial Project of Ramos de Azevedo, architect of the building constructed in 1905.

Born in 1962 in São Paulo, Artur Lescher participated in the 1987 and 2002 editions of the Bienal de São Paulo and in the 2005 Mercosul Biennial, in Porto Alegre, all in Brazil. Recent group shows include: *The circle walked casually* (Deutsche Bank KunstHalle, Berlin, Germany, 2013); *Encuentros/tensiones: arte latinoamericano contemporáneo - Colección Malba + comodatos* (Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, 2013); *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013). Some of his recent solo shows include: *Pensamento pantográfico* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Inabsência* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012), Galeria del Paseo (Punta del Este, Uruguay, 2012); and *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2010). His works are included in major public collections such as those of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts, Houston, USA; and Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, USA.

Brígida Baltar  
**Casa** 1997 / 2014  
pó de tijolo em 240 frascos de vidro,  
caixa de madeira/240 glass bottles  
filled with brick dust, and wooden box  
dimensões variáveis/variable dimensions







Brígida Baltar

**Renda cobogó** 2012

pó de tijolo moldado com resina e molde de silicone e caixa de madeira/brick dust molded with resin, silicone mold, wooden box

33,5 x 25 cm

Brígida Baltar começou a desenvolver sua obra na década de 1990 por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê localizada em Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, a artista colecionou materiais da vida doméstica, como a água de goteiras escorrendo de pequenas rachaduras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. Em “Abrigo” (1996), a artista esculpiu sua própria silhueta em uma parede de sua casa e, ao entrar nesse casulo, transformou a situação em uma intersecção simbiótica, tornando-se parte inextricável da casa na qual habitava.

As ações domésticas foram, subsequentemente, expandidas para o espaço da rua, originando obras tais como o projeto “Humidity Collection”, orvalho e água do mar evaporada, uma tarefa conscientemente inexequível de captar o intangível. Em 2005, antes de se mudar de casa permanentemente, Baltar juntou e levou consigo grandes quantidades de poeira fina coletada dos tijolos de barro firme. A poeira foi usada em trabalhos posteriores, resultando em desenhos de montanhas e florestas cariocas que, pelo fato de terem sido feitos com a poeira da casa na qual morava, são a afirmação de uma morada coletiva, e não descrições precisas de elevações do terreno e áreas florestadas. Ao invés de serem meramente desenhos com elementos naturais, a obra de Baltar sugere um espaço íntimo.

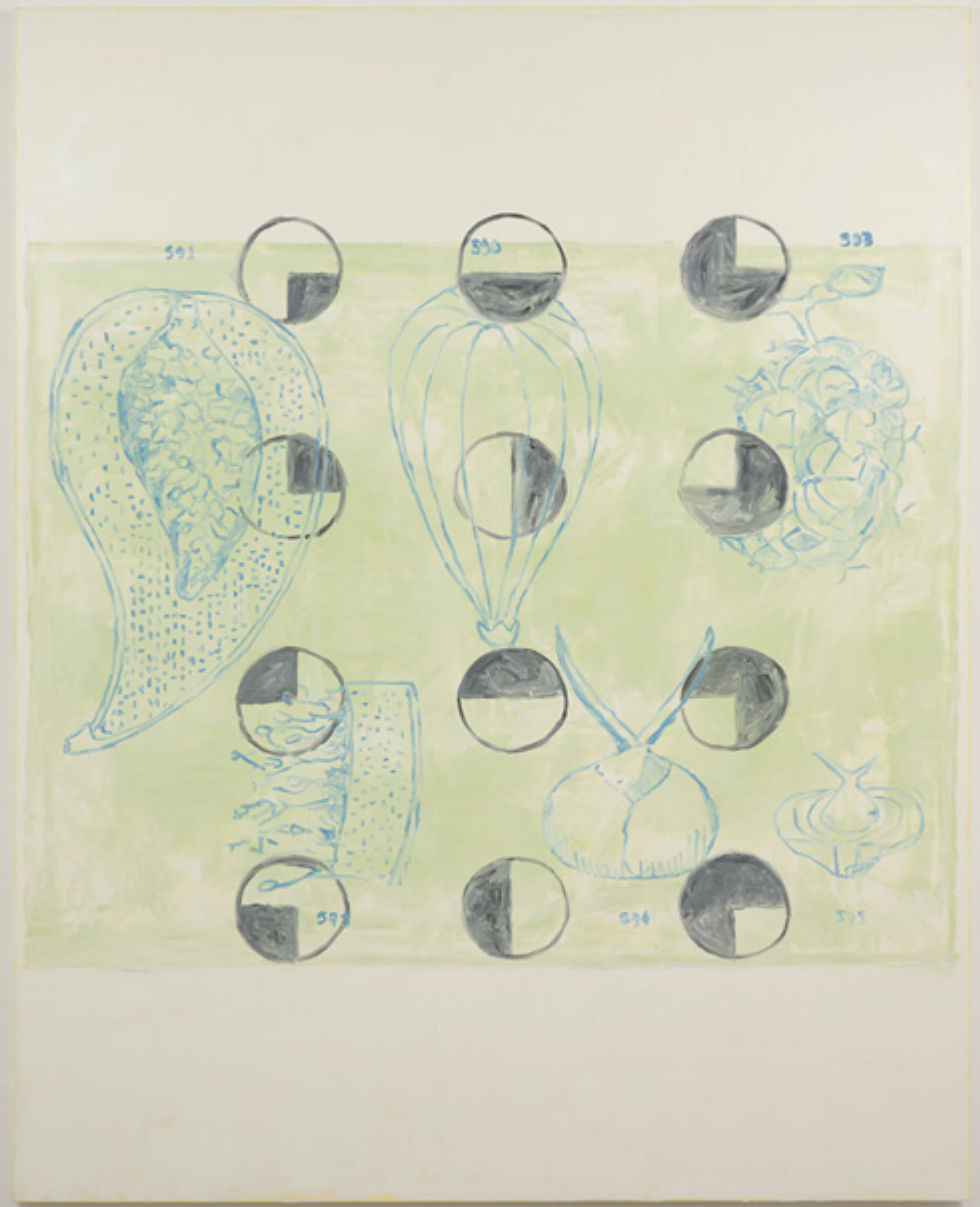
Brígida Baltar nasceu em 1959 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou das seguintes mostras coletivas: 25ª Bienal de São Paulo (2002); 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of Things – Biennial of the Americas*, em Denver, EUA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) e a 5ª Bienal de Havana, Cuba (1994). Entre as suas exposições internacionais encontram-se: *Cruzamento: Contemporar Art of Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, USA, 2014); *SAM Art Project* (Paris, França, 2012); *The Peripatetic School: Itinerant Drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, Inglaterra, 2011); Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colômbia, 2012; *Marginália – d’après Edgar Allan Poe* (Plataforma Revólver, Lisboa, Portugal, 2010); *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil* (New Museum, Nova York, EUA, 2010); *After Utopia* (Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009); *In Search of the Miraculous* (University Gallery of Essex, Colchester, Inglaterra 2007); *An Indoor Heaven* (Firstsite, Colchester, Inglaterra, 2006); *L’autre Amérique* (Passage de Retz, Paris, França, 2005) e *Untitled* (Santa Barbara Contemporary Arts Forum, Santa Barbara, EUA, 2005). Seus trabalhos estão presentes nas coleções: Coppel Collection, México D.F., México; Museum of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

Brígida Baltar began to develop her work in the 1990s, through small poetic gestures that took place around her home and studio, located in Botafogo, a borough in the south side of Rio de Janeiro. For nearly ten years, she gathered household substances such as raindrops percolating through subtle cracks in roofs, or reddish brown dust from clay bricks adorning her walls. In “Abrigo,” (1996), the artist carves her own silhouette into a wall in her home, and then enters this cocoon of sorts, transforming the situation into a symbiotic crossover; making her inextricable to that house she inhabits.

These household actions were subsequently extended to the space of the street, giving way to bodies of work such as the project of “Humidity Collection” – dew and evaporated seawater –, in a knowingly unfeasible endeavor to capture the intangible. In 2005, before permanently moving from her house, Baltar gathered and carried with her large amounts of fine dust from those hard clay bricks, to later employ as materials in her subsequent. These resulted in drawings of the mountains and forests of Rio de Janeiro which, for the fact that they were made with dust from bricks from the house in which she lived, are more the affirmation of a collective living place, than accurate descriptions of terrain elevations and wooded areas. Rather than being merely natural elements in drawings, Baltar’s works come together to suggest an intimate space.

Brígida Baltar was born in 1959 in Rio de Janeiro, where she lives and works. Group shows include the 25th Bienal de São Paulo (2002); The 17th Cerveira Biennial, in Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things – Biennial of the Americas*, in Denver, USA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) and the 5th Havana Biennial, Cuba (1994). Selected international exhibitions include: *Cruzamento: Contemporary Art of Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, USA, 2014); *SAM Art Project* (Paris, France, 2012); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, England, 2011); Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colombia, 2012; *Marginália – d’après Edgar Allan Poe* (Plataforma Revolver, Lisboa, Portugal, 2010); *Constructing views: experimental film and video from Brazil* (New Museum, New York, USA, 2010); *After utopia* (Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy, 2009); *In search of the miraculous* (University Gallery of Essex, Colchester, 2007); *An indoor heaven* (Firstsite, Colchester, England, 2006); *L’autre Amérique* (Passage de Retz, Paris, France, 2005); and *Untitled* (Santa Barbara Contemporary Arts Forum, Santa Barbara, USA, 2005). Her works integrate collections such as: Coppel Collection, Mexico D.F., Mexico; Museum of Contemporary Art, Cleveland, USA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, England; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; among others.

Bruno Dunley  
**Álbum** 2013  
óleo sobre tela/oil on canvas  
250 x 200 cm





A obra de Bruno Dunley questiona a premissa pictórica da pintura, particularmente, as relações entre representação e consciência individual e coletiva. Tendo como ponto de partida imagens encontradas ou fictícias, suas pinturas começam como composições cuidadosamente construídas, lentamente sendo apagadas. Neste processo, são reveladas as lacunas da aparente continuidade da percepção. Parte de uma nova geração de pintores brasileiros, chamada 2000e8, o artista inicialmente usa fotografias, mas remove sua qualidade indicativa, concentrando-se mais no volume e no jogo de cores perto uma das outras para criar figuras por meio de camadas que se apagam. A predominância da linguagem visual minimalista empresta uma qualidade meditativa a algumas das suas pinturas, nas quais, frequentemente, o plano é dominado por uma só cor.

Bruno Dunley nasceu em Petrópolis, em 1984. Vive e trabalha em São Paulo. Exposições recentes incluem a individual *e* (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 2013) e *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, França, 2012); assim como as coletivas: *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); e *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

Bruno Dunley's works question the pictorial premise of painting, in particular, the relations between representation and an individual and collective consciousness. Departing from either found or fictional images, his paintings start as carefully constructed compositions, slowly suffering erasure which, at times, reveal gaps in the apparent continuity of perception. Part of a new generation of Brazilian painters named 2000e8, he departs from photographs but removes its indexical quality, focusing more on volume and the play of colors in proximity to each other in order to create figures through layers of effacement. The predominance of this minimalist visual language lends a meditative quality to some of his paintings in which, very often, a single color dominates the whole plane.

Bruno Dunley was born in Petrópolis, Brazil (1984). He lives and works in São Paulo. Recent exhibitions include the solo show *e* (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2013) and *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, France, 2012); as well as the group shows *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2011); and *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brazil, 2010).



Carlito Carvalhosa  
**Trust me (P55)** 2013  
acrílica, espelho e vidro/  
acrylic, mirror, and glass  
160 x 90 cm





Carlito Carvalhosa  
**Trust me (P54)** 2013  
acrílica, espelho e vidro/  
acrylic, mirror, and glass  
160 x 90 cm



A forma como Carvalhosa manipula luz e espaço é ao mesmo tempo um ato de ocultamento e revelação. Nos anos 1980, participou do coletivo paulista Grupo Casa 7, juntamente com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, e como seus colegas, produziu pinturas em grande escala com ênfase no gesto pictórico. No entanto, recentemente, Carvalhosa expandiu sua prática artística para a escultura, empregando tecidos, espelhos e luzes para criar ambientes de experiência e participação.

Em 2011, Carvalhosa foi o primeiro artista brasileiro a ocupar o átrio do MoMA com sua instalação "Sum of Days", uma estrutura feita de material translúcido que pendurada no teto formava um labirinto, ocultando o perímetro do espaço arquitetônico circundante e permitindo uma experiência de total imersão. Microfones foram distribuídos pelo interior da escultura que tocavam as gravações do barulho ambiente gravadas no dia anterior. Em 2013, Carvalhosa foi selecionado para inaugurar o novo espaço do MAC-USP com "Sala de Espera", uma instalação composta de mais de quarenta troncos de árvore de 12 metros de comprimento, originalmente usados como postes para a iluminação de ruas, que cortavam horizontalmente o prédio projetado por Niemeyer, transformando seu interior em esfera pública.

Nascido em São Paulo em 1961, Carlito Carvalhosa vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou da 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985); da Bienal de Havana, Cuba (1986 e 2012); e da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2001 e 2009). Entre suas exposições coletivas recentes estão: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S|2, Nova Iorque, EUA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); e *Más allá de la xilografía* (Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Santiago, Chile, 2012). Entre suas últimas mostras individuais estão: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sum of days* (Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA, 2011); *Lugar comum* (Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); *Projeto respiração: regra de dois* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); e *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010). Suas obras fazem parte de coleções públicas brasileiras como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, CIFO, Miami, entre outras.

Carvalhosa's manipulation of light and space is simultaneously an act of concealment and revelation. In the 1980s, he was a member of the São Paulo based collective Grupo Casa 7, alongside Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos, and Paulo Monteiro and like his colleagues, produced large paintings with an emphasis on the pictorial gesture. Recently, however, Carvalhosa has expanded his practice to installation, employing fabric, mirrors, and lights to create experiential and participatory environments.

In 2011, Carvalhosa was the first Brazilian artist to occupy the atrium at MoMA with his installation "Sum of Days." Consisting of a structure made of translucent material, hanging from the ceiling and forming a labyrinth, "Sum of Days" obscured the perimeter of its surrounding architectural space, allowing for an experience of total immersion. Microphones were distributed the interior of the structure playing back recordings of ambient noise captured from the previous day. In 2013, Carvalhosa was selected to inaugurate MAC-USP's new space with "Sala de Espera," an installation consisting of over forty tree trunks 12 meters in length, originally used as posts for street lighting, that horizontally cut the Niemeyer building, transforming an interior building into a public sphere.

Born in 1961 in São Paulo, Carlito Carvalhosa lives and works in Rio de Janeiro. He featured in the 18th Bienal de São Paulo, Brazil (1985); the Havana Biennial, in Cuba (1986 and 2012); and the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2001 and 2009). Recent group shows include: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S|2, New York, USA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); and *Más allá de la xilografía* (Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Santiago, Chile, 2012). Recent solo shows include: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Sum of days* (Museum of Modern Art, New York, USA, 2011); *Lugar comum* (Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); *Projeto respiração: regra de dois* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); and *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2010). His work is included in Brazilian public collections such as those of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, CIFO, Miami, among others.





Eduardo Coimbra -- **Escada** 2014 -- relevo em madeira/relief on wood -- 150 x 120 cm





Eduardo Coimbra -- **sem título/untitled** 2014 -- relevo em madeira/relief on wood -- 170 x 120 cm



Eduardo Coimbra é conhecido pelas suas instalações arquitetônicas site-specific com mídias variadas. Seus primeiros trabalhos usam objetos familiares resgatados do anonimato por meio de pequenos motores, luzes e máquinas elétricas.

Muitas vezes convidando a participação do público, a obra de Coimbra inclui paisagens surreais e construídas, bem como maquetes imaginativas e ecológicas feitas de pequenos objetos domésticos, lâmpadas fosforescentes, aço e ferro. "Nuvem" (2011), sua grande escultura pública, é composta de cinco caixas de luz quadradas, de 4,7 metros de altura e largura, com uma nuvem no centro e espelhos decorando as laterais. A escultura cria um portal surreal, convidando os espectadores a andarem pela instalação e vivenciarem o ambiente ao seu redor. "Paisagem" foi exibida na sua mostra individual no Museu da Pampulha em 2001. À primeira vista, a escultura parece um grande campo de grama, mas se dissolve em pequenos vasos individuais, como se o verde exuberante fosse pixels compondo a paisagem, permitindo que a vegetação invadisse o espaço interno do museu, revelando-se simultaneamente como imagem e matéria.

Eduardo Coimbra nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil. Exposições coletivas recentes incluem: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Áustria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009). Algumas de suas mostras individuais recentes são: *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscou, Rússia, 2013); *Arte na Cidade*, São Paulo, Brasil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); e *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2007).

Eduardo Coimbra is best known for his site-specific, mixed-media architectural installations. He first started making works where familiar objects were rescued from anonymity through the use of tiny motors, lights, and electrical machines.

Often inviting audience participation, Coimbra's works include surreal, constructed landscapes and imaginative, eco friendly maquettes made from small household objects, fluorescent lights, steel and iron. His large public sculpture "Nuvem" (2011), composed of five square boxes of light, 4.7 meters in height and length, with a photograph of a cloud at the center and mirrors adorning the lateral facets, created a surreal portal, inviting the viewers to walk around the installation and experience the environment anew. And on the other hand, "Paisagem" showcased in his solo show at Museu da Pampulha in 2011. At first, seemingly a large grass field, when seen up close dissolves into small individual pots. As if the lush greenery were pixels that composed the landscape, "Paisagem" allows the vegetation to invade the internal space of the museum, revealing itself as image and matter at the same time.

Eduardo Coimbra was born in 1955 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 29th Bienal de São Paulo (2010) and the 3rd Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil. Recent group shows include: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Austria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy, 2009). Recent solo shows include: *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscow, Russia, 2013); *Arte na Cidade*, São Paulo, Brazil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); and *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2007).





Cristina Canale -- **Nuvem azul** 2013 -- mista sobre tela/mixed media on canvas -- 150 x 180 cm

A educação artística de Cristina Canale começou nos anos 1980 no Parque Lage, no Rio de Janeiro. No entanto, foi apenas quando viajou para Berlim, em meados dos anos 1990, que a artista afirmou seu estilo singular de pintura, revelando características únicas, notavelmente a forma na qual os elementos figurativos da suas composições estão sempre prestes a serem dissolvidos na abstração. Suas paisagens parecem retratar um mundo líquido, no qual alguns elementos reconhecíveis emergem entre campos de cor harmonicamente justapostos, apesar da variação de cor em cada pintura.

Após ter se estabelecido na cena artística brasileira como parte da "Geração 80", juntamente com artistas como Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise e Leda Catunda, a artista mudou-se para a Alemanha para estudar pintura na Kunstakademie Düsseldorf sob a supervisão do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Em vários aspectos, as pinturas de Canale carregam uma identidade dupla: nascidas da tradição brasileira da pintura, também incorporam a produção contemporânea alemã na pintura e além.

Canale é carioca nascida em 1961. Reside e produz em Berlim. Participou da 21ª Bienal de São Paulo (1991); a 6ª Bienal de Curitiba (2011); além de exposições coletivas que incluem: *Além da forma* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2012); *O Colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2011); *Dentro do traço, mesmo* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2009); e *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Exposições individuais incluem: *Protagonista e domingo* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Sem palavras* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Arredores e rastros* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2010). Instituições brasileiras como a Pinacoteca do Estado de São Paulo; o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, entre outras, possuem obras suas.

Cristina Canale's artistic education began in the 1980s at Parque Lage, in Rio de Janeiro. However, it was only after she traveled to Berlin, in the mid 1990s, that she asserted her singular style of painting, revealing unique features, notably in the way in which figurative elements of the composition are always on the verge of impending dissolution into abstraction. Her landscapes seem to portray a liquid world, in which a few recognizable elements emerge between fields of color that are juxtaposed in harmonic fashion, despite the variation in color spectrum within each painting.

After establishing herself in the Brazilian scene as part of the Geração 80 alongside artists such as Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise, and Leda Catunda, the artist moved to Germany to study painting at the Dusseldorf Academy of Arts under the supervision of Dutch conceptual artist Jan Dibbets. In many ways, the paintings of Canale are twofold: borne of a Brazilian tradition of painting, they are also embedded within a contemporary German production in painting and beyond.

Canale was born in Rio de Janeiro in 1961. She lives and works in Berlin. She featured in the 21st Bienal de São Paulo (1991); the 6th Bienal de Curitiba (2011); as well as group shows, including *Além da forma* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2012); *O Colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2011); *Dentro do traço, mesmo* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2009); and *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). Solo shows include: *Protagonista e domingo* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Sem palavras* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Arredores e rastros* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2010). Her works are housed in renowned Brazilian institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro and Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, among others.



Fabio Miguez  
**Mil metros longe** 2013  
óleo e cera sobre tela/  
oil and wax on canvas  
190 x 140 cm





Fabio Miguez -- sem título/untitled **Valise dominó** 2013 -- óleo e cera sobre madeira e vidro, elementos em aço inox/oil and wax on wood and glass, stainless steel -- 16 x 40 x 33 cm (fechada/closed) / 37 x 88 x 88 cm (dimensão máxima/maximum dimension)

fabio	miguez	

Fábio Miguez inicia sua carreira na década de 1980 quando, ao lado de Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, forma o ateliê Casa 7. Miguez trabalha inicialmente com a pintura, tendo participado, já nos anos 1980, de duas edições da Bienal Internacional de São Paulo: daquela conhecida como a Bienal da grande tela (1985), com curadoria de Sheila Leirner, e da 20ª edição da mostra (1989).

Durante os anos 1990 começa a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, as séries de fotos Derivas, que são publicadas em 2013 com o nome Paisagem Zero. Nos últimos anos, Miguez vem desenvolvendo trabalhos de formulação tridimensional, como a instalação Onde, de 2006, o objeto Ping-pong, de 2008, e a série de valises produzidas desde 2007, que expandem seu campo de pesquisa — a pintura. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que alia-se a investigações sobre a escala, a matéria e a figuração. Para o crítico e curador Agnaldo Farias, “há um quê de figurativo nessas pinturas e desenhos (dos últimos anos), resíduos de plantas, paredes em corte e elevações, entre outras cifras da linguagem projetiva. O artista lida com formas modulares submetendo-as a um raciocínio combinatório, repetindo-as, variando sua posição ao passo em que lhes opera inversões e espelhamentos. (...). A lógica espacial, que antes disso resolvia-se no plano e na profundidade da pintura, agora se expande na mente daquele que contempla essas pinturas, no irresistível pensamento sobre os desdobramentos possíveis”.

Nascido em São Paulo em 1962, Fábio Miguez participou de eventos como a Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo, Brasil, 1985 e 1989), a 2ª Bienal de Havana (Havana, Cuba, 1986), a 3ª Bienal Internacional de Pintura de Cuenca (Cuenca, Equador, 1991) e a 5ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil, 2005), além de mostras retrospectivas como *Bienal Brasil Século XX* (1994) e *30 x Bienal* (2013), ambas promovidas pela Fundação Bienal de São Paulo. Teve exposições individuais, como: *Paisagem zero* (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2012); *Temas e variações* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2008); na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2003), acompanhada da publicação de um livro sobre sua obra, e no Centro Cultural São Paulo (2002). Mostras coletivas recentes incluem *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014), *Tomie Ohtake/Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013), *Analogias* (Museu da Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil, 2013) e *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013).

Fábio Miguez began his artistic career in the 1980s in the group ateliê Casa 7, alongside Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro, and Rodrigo Andrade. In his early years, he worked primarily as a painter, having participated (still in the 80s) of two editions of the São Paulo Biennial, known as the “Bienal da grande tela” (1985), curated by Sheila Leirner and in its 20th edition (1989).

During the 1990s, he started to produce, parallel to his paintings, the series of photographs entitled “Derivas,” later published in 2013 with the name “Paisagem Zero.” In recent years, Miguez has been developing three dimensional works, such as the installation “Onde” (2006) and “Ping-pong” (2008), a series of suitcases produced since 2007, which expands his line of research and his medium of choice: painting. His education in architecture brings to his work a “constructivist” influence that dialogues with concerns regarding scale, material, and figuration. For the critic and curator Agnaldo Farias, “there is something figurative in these paintings and drawings (of the last few years), residues of blueprints and cartographies, among other signifiers that belong to the language of architectural projects. The artist deals with modular forms in relation to a combinatory rationale, employing repetition, while undergoing the operations of inversions and mirroring. (...). The spatial logic, which before would be solved in the surface of painting, now expands to the mind of the viewer who contemplates these works, in the irresistible thought of possible un-foldings.”

Born in São Paulo in 1962, Fábio Miguez participated of biennials such as: Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo, Brazil, 1985 and 1989), the 2nd Bienal de Havana (Havana, Cuba, 1986); the 3rd Bienal Internacional de Pintura de Cuenca (Cuenca, Equador, 1991), and the 5th Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brazil, 2005), in addition to retrospectives such as *Bienal Brasil Século XX* (1994) and *30 x Bienal* (2013), both promoted by the Fundação Bienal de São Paulo. Recent solo shows include: *Paisagem zero* (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brazil, 2012); *Temas e variações* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2008); at the Pinacoteca do Estado (São Paulo, 2003) which resulted in a publication on the artist; and at Centro Cultural São Paulo (São Paulo, 2002). Recent group shows include: *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014), *Tomie Ohtake/Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013), *Analogias* (Museu da Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brazil, 2013) e *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013).





Isaac Julien -- **Glass House (Ten Thousand Waves)** 2010 -- fotografia em papel Endura Ultra/Endura Ultra photograph -- ed 2/6 -- 180 x 240 cm





Isaac Julien -- **Fantôme Créole Series (Cinema Cinema)** 2005 -- impressão lambda em papel brilhante/Lambda print on gloss paper  
-- ed 4/6 -- 119.5 x 119.5 cm cada/each (díptico/diptych)

Isaac Julien é um artista e cineasta britânico, cujo trabalho incorpora diferentes disciplinas artísticas, partindo ou utilizando-se de cinemadança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, combinadas para criar uma linguagem poético-visual única em suas instalações audiovisuais. Seu filme “Young soul rebels” (1991) ganhou o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cannes.

Julien foi indicado ao Prêmio Turner em 2001 por seus filmes “The long road to Mazatlán” (1999) e “Vagabondia” (2000). Sua aclamada instalação de cinco telas, “Western Union: small boats” (2007), foi exibida no Metro Pictures, Nova York, EUA; Galería Helga de Alvear, Madri, Espanha; Centre for Contemporary Arts, Varsóvia, Polônia; assim como integra a coleção do Brandhorst Museum, em Munique, Alemanha. Em 2008, Julien colaborou com Tilda Swinton no filme biográfico sobre Derek Jarman, simplesmente intitulado “Derek”, estreado no mesmo ano no Sundance Film Festival. Sua obra “Ten thousand waves” (2010) percorreu o mundo, exibida em mais de 15 países, incluindo cidades como Xangai, Sydney, Madri, Helsinque, São Paulo, Gwangju, Gotemburgo, Moscou, Nova York, Miami e Londres.

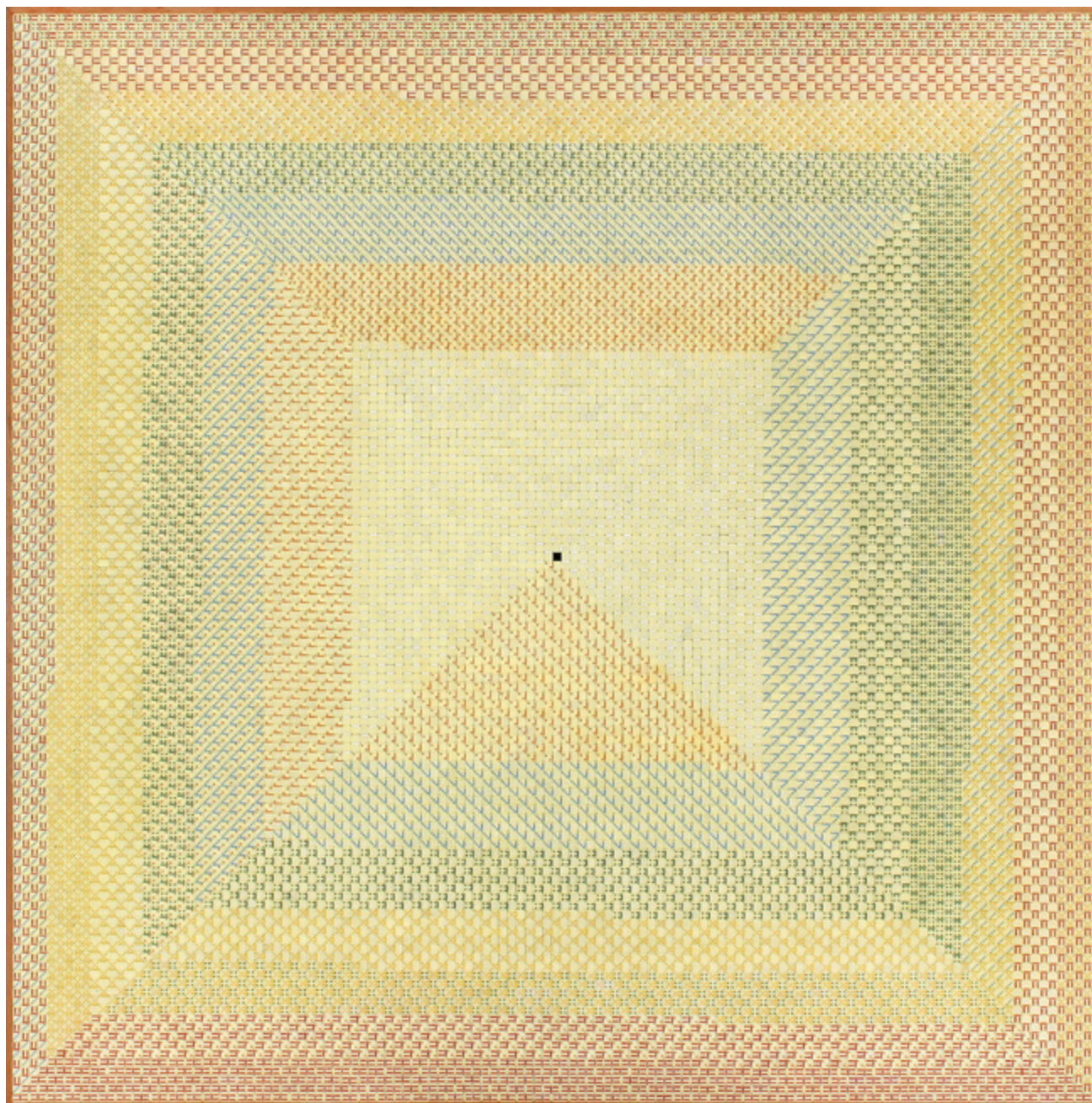
Mostras individuais recentes incluem: *Vagabondia* (Tate Modern, Londres, Inglaterra, 2014); *Playtime* (Victoria Miro Gallery, Londres, Inglaterra, 2014); *Ten Thousand Waves* (MoMA, Nova York, EUA, 2013); *Playtime* (Metro Pictures, Nova York, EUA, 2013); *The Long Road to Mazatlán* (Art Institute of Chicago, Chicago, EUA, 2013); *Better Life (Ten Thousand Waves)* (De Pont Museum of Contemporary Art, Tilburg, Países Baixos, 2013); *Fantome Creole* (Goetz Collection, Munique, Alemanha, 2013). Julien é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: MoMA, Nova York, EUA; Tate, Londres, Inglaterra; Coleção de Arte do Governo do Reino Unido, Londres, Inglaterra; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; e Museum Brandhorst, Munique, Alemanha.

Isaac Julien is a British artist and filmmaker whose work incorporates different artistic disciplines, drawing from and commenting on film, dance, photography, music, theatre, painting and sculpture, and uniting them to create a unique poetic visual language in audio visual film installations. His 1991 film “Young Soul Rebels” won the Semaine de la Critique prize at the Cannes Film Festival.

Julien was nominated for the Turner Prize in 2001 for his films “The long road to Mazatlán” (1999) and “Vagabondia” (2000). His acclaimed 5-screen installation, “Western Union: small boats” (2007) has been shown at Metro Pictures, New York, USA; Galería Helga de Alvear, Madrid, Spain; Centre for Contemporary Arts, Warsaw, Poland; and is also in the Museum Brandhorst collection in Munich, Germany. In 2008 Julien collaborated with Tilda Swinton on a biopic about Derek Jarman simply entitled “Derek,” which premiered at the Sundance Film Festival the same year. His 2010 film “Ten thousand waves” went on world tour, and has been on display in over 15 countries so far, including Shanghai, Sydney, Madrid, Helsinki, São Paulo, Gwangju, Gothenburg, Moscow, New York, Miami and London.

Recent solo shows include: *Vagabondia* (Tate Modern, London, UK, 2014); *Playtime* (Victoria Miro Gallery, London, UK, 2014); *Ten Thousand Waves* (MoMA, New York, USA, 2013); *Playtime* (Metro Pictures, New York, USA, 2013); *The Long Road to Mazatlán* (Art Institute of Chicago, Chicago, USA, 2013); *Better Life (Ten Thousand Waves)* (De Pont Museum of Contemporary Art, Tilburg, the Netherlands, 2013); *Fantome Creole* (Goetz Collection, Munich, Germany, 2013). Julien is represented in museum and private collections throughout the world, including: MoMA, New York, USA; Tate, London, England; the UK Government Art Collection, London, England; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; and Museum Brandhorst, Munich, Germany.





José Patrício -- **Imago mundi XIII** 2007 -- esmalte sintético sobre 7.812 peças de dominó de resina/enamel, 7.812 resin domino pieces on wood -- ed única --176,5 x 176,5 cm

O trabalho de José Patrício é fundamentado em combinações numéricas lógicas que criam uma experiência visual. Ele é mais conhecido pela sua instalação no chão, “Ars Combinatória” (2004), composta de três jogos de dominó de 28 peças (totalizando 84 peças de dominó) colocadas em um tapete de 180 módulos (totalizando 15.120 peças). Quando vistas de longe, o desenho assume uma aparência quase de pintura ou tonal, que contrasta com o grafismo de cada peça.

Empregando materiais diversos, tais como contas de madeira e filtros de café banhados em tinta, o artista remove o uso tradicional desses materiais e os reorganiza em uma nova ordem que resulta em composições formais inusitadas. Influenciado pelos movimentos artísticos geométrico e concreto brasileiros (anunciados por Almir Mavignier), seus trabalhos enfatizam a relação frágil entre ordem e possibilidade de sua dissolução, sugerindo que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas tem o potencial de conter sua própria expressividade. Em 2012, Patrício foi convidado pela curadora Yuko Hasegawa para produzir um trabalho site-specific para a ART HK Projects.

José Patrício nasceu em 1960, em Recife, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 22ª Bienal de São Paulo (1994) e a 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre (1994), ambas no Brasil; e a 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Participações recentes em exposições coletivas incluem: *Le Hors-Là* (Usina Cultural, João Pessoa, Brasil, 2013); *Buzz* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Art in Brazil* (Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica, 2011); e *50 anos de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2009). Suas mais recentes mostras individuais são: *José Patrício: Os amigos da gravura* (Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *A espiral e o labirinto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *José Patrício: o número* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil, 2010); e *Expansão múltipla* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2008). Suas obras fazem parte de coleções como a da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, França; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brasil.

The foundations of the works by José Patrício lay in logical numerical combination to create a visual experience. He is best known for his floor installation “Ars Combinatória” (2004). Consisting of three 28-piece domino sets (amounting to 84 individual dominoes) arranged in carpet formation of 180 modules (totaling 15,120 pieces); when viewed from afar, the pattern assumes an almost painterly, tonal, overall appearance which contrasts to the graphism of each individual domino piece.

Employing various materials, such as wooden beads and paper coffee filters bathed in paint, the artist removes the traditional usage of these materials and reassembles them in a new order which results in unexpected formal compositions. Influenced by the geometric and concrete art movements in Brazil (heralded by Almir Mavignier), his works emphasize the fragile relation between order and the possibility of its dissolution and suggest that even the most rigid mathematical formula has the potential of containing its own expressivity. Most recently, Patrício was invited by curator Yuko Hasegawa to produce a site-specific work for Art HK Projects in 2012.

José Patrício was born in 1960 in Recife, where he lives and works. He featured in biennials such as the 22nd Bienal de São Paulo (1994) and the 3rd Mercosul Visual Arts Biennial, in Porto Alegre (1994), both in Brazil; and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Le Hors-Là* (Usina Cultural, João Pessoa, Brazil, 2013); *Buzz* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Art in Brazil* (Palais des Beaux Arts, Brussels, Belgium, 2011); and *50 anos de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2009). Recent solo shows include: *José Patrício: Os amigos da gravura* (Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro, Brazil, 2013) *A espiral e o labirinto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *José Patrício: o número* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brazil, 2010); e *Expansão múltipla* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2008). His work is included in the collections which include Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, France; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brazil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; and Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brazil.



Julio Le Parc  
**Continuel mobile** 1962 / 1996  
placas de acrílico translúcido, fios de nylon/  
translucent acrylic sheets, nylon threads  
219 x 155 x 170 cm



Julio Le Parc  
**A partir d'un ciel de Van Gogh /**  
**serie Surface noir et blanc** 1958 / 1991  
acrílica sobre tela/acrylic on canvas  
195 x 130 cm





Julio Le Parc -- **Développement de cercles et de carrés / serie Surface noir et blanc** 1958 / 1991  
-- acrílica sobre tela/ acrylic on canvas -- 130 x 130 cm

Julio Le Parc -- **Réels et virtuels / serie Surface noir et blanc** 1958 / 1991  
-- acrílica sobre tela/ acrylic on canvas -- 130 x 130 cm



Nascido em 1928, em Mendoza, na Argentina, Julio Le Parc estudou na Escuela de Bellas Artes em Buenos Aires, em 1943. A exposição de Víctor Vasarely em Buenos Aires, em 1958, foi um importante catalisador da partida de Le Parc para Paris naquele mesmo ano. Com uma bolsa de estudos, Le Parc realizou trabalhos em colaboração com artistas colegas de Vasarely e cofundou o Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV), em 1960. Enquanto as primeiras pinturas geométricas de Le Parc tiveram influência da tradição construtivista da Arte-Concreto Invención em Buenos Aires, os trabalhos criados logo após sua chegada em Paris também revelaram um crescente interesse pelo trabalho de Mondrian e Vasarely. No início dos anos 1960, Le Parc passou a incorporar movimento e luz à sua pesquisa. Interessado nas possibilidades do movimento, e na participação do espectador, ele desenvolveu seus característicos ambientes de luz e esculturas cinéticas, que vieram a lhe trazer reconhecimento internacional enquanto um dos maiores expoentes da arte cinética.

Representante da Argentina na Bienal de Veneza de 1966, Le Parc recebeu o Grande Prêmio Internacional de Pintura como artista individual. Apesar da dissolução do grupo em 1968, Le Parc continuou a trabalhar tanto como artista individual quanto como integrante de coletivos internacionais, particularmente dos que estavam envolvidos na denúncia política de regimes totalitários. As obras de Le Parc ganharam diversas exposições individuais na Europa e na América Latina, em locais como o Instituto di Tella (Buenos Aires), o Museo de Arte Moderno (Caracas), o Palacio de Bellas Artes (México), a Casa de las Americas (Havana), o Moderna Museet (Estocolmo), Daros (Zurique), Städtische Kunsthalle (Dusseldorf). Além disso, integraram muitas outras exposições coletivas e bienais, entre as quais estão a polêmica *The Responsive Eye* (1965), no Museum of Modern Art de Nova Iorque, a Bienal de Veneza, em 1966 (na qual recebeu o Prêmio), e Bienal de São Paulo (1967). Em protesto contra o regime militar repressor no Brasil, Le Parc se juntou a outros artistas no boicote à Bienal de São Paulo de 1969 e publicou o catálogo alternativo *Contrabiennial*, em 1971. As obras coletivas realizadas posteriormente por Le Parc incluem a participação em movimentos antifascistas no Chile, em El Salvador e na Nicarágua.

Mais recentemente, a obra de Le Parc foi objeto de grandes retrospectivas em 2013, que incluem *Soleil froid*, no Palais de Tokyo (Paris), *Le Parc: Lumière*, na Casa Daros (Rio de Janeiro), *Uma busca contínua*, na Galeria Nara Roesler (São Paulo), e apresentada na exposição coletiva *Dynamo*, no Grand Palais, em Paris.

Born in 1928 in Mendoza, Argentina, Julio Le Parc attended the Escuela de Bellas Artes in Buenos Aires in 1943. Víctor Vasarely's 1958 exhibition in Buenos Aires became an important catalyst for Le Parc's departure for Paris that year. Awarded a scholarship to study in Paris, Le Parc pursued collaborative work with fellow artist friends of Vasarely and co-founded the Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV) in 1960. While Le Parc's early geometric paintings were first informed by the Constructivist tradition of Arte-Concreto Invención in Buenos Aires, works produced soon after his arrival in Paris also reflect a growing interest in the work of Mondrian and Vasarely. By early 1960, Le Parc began incorporating movement and light into his research. Interested in the possibilities of movement, and the participation of the viewer, he developed his signature kinetic sculptures and light environments, which would ultimately bring him international recognition as a leading exponent of Kinetic Art.

Representing Argentina at the 1966 Venice Biennale, Le Parc won the Grand International Prize for Painting as an individual artist. Although the group dissolved in 1968, Le Parc continued to work simultaneously as an individual artist and as part of international collectives, particularly those involved in politically denouncing totalitarian regimes. Le Parc's works have been the subject of numerous solo shows in Europe and Latin America, including Instituto di Tella (Buenos Aires), Museo de Arte Moderno (Caracas), Palacio de Bellas Artes (Mexico), Casa de las Americas (Havana), Moderna Museet (Stockholm), Daros (Zürich), Städtische Kunsthalle (Düsseldorf). Le Parc's works have also been included in numerous group exhibitions and biennials, including the Museum of Modern Art's controversial exhibition *The Responsive Eye* (1965), the Venice Biennale in 1966 (where he was awarded the Prize), and the São Paulo Biennial (1967). As acts of protest against repressive military regime in Brazil, Le Parc joined artists in boycotting the 1969 São Paulo Biennial and published an alternative *Contrabiennial* catalogue in 1971. Le Parc's later collective works included participation in anti-fascist movements in Chile, El Salvador and Nicaragua.

More recently Le Parc's work has been the subject of major 2013 retrospectives, including *Soleil froid*, at the Palais de Tokyo (Paris), *Le Parc: Lumière*, at Casa Daros (Rio de Janeiro), and *Uma busca contínua*, at Galeria Nara Roesler (São Paulo) and included in the group exhibition *Dynamo* at the Grand Palais in Paris.





Karin Lambrecht -- **Fragmentos Azul Paris e Vermelho Cadmium** 2012 / 2013 -- pigmentos em meio acrílico, pastel seco, água da chuva marcando a forma de um tijolo em ambiente externo sobre lona/acrylic pigments, dry pastel, rain water imprinting the outlines created by a brick, linen support -- 205 x 270 cm -- detalhe/detail

Trabalhando no campo expandido da pintura e da escultura, a obra de Karin Lambrecht materializa a abstração gestual da Geração 80 ao mesmo tempo em que faz referência à Arte Povera e a Joseph Beuys. Usando pigmentos de cores vibrantes, produzidos pela própria artista, ela aplica pinceladas gestuais amplas a telas feitas à mão, sem moldura, rasgadas e queimadas. Muitas vezes também incorpora materiais orgânicos, tais como sangue animal, carvão, água da chuva e terra. Seus motivos recorrentes incluem: cruces, o corpo humano e palavras enigmáticas escritas à mão ou carimbadas, que emergem das camadas de tinta, sugerindo doença, morte e cura.

Em 2001, Lambrecht produziu “Eu e você”, um “ato de pintura” realizado em Bagé, um pequeno município no sul do Rio Grande do Sul. A artista cortou o pescoço de um cordeiro e deixou que o sangue do animal escorresse para as superfícies brancas do seu vestido e tela, como tinta para sua pintura. O trabalho foi considerado finalizado no momento em que o animal finalmente sucumbiu à morte.

Karin Lambrecht nasceu em 1957, em Porto Alegre, onde vive e trabalha. Participou das 18ª, 19ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo (1985, 1987 e 2002) e da 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2005), todas no Brasil. Exposições coletivas de que participou nos últimos anos incluem: *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2011); *Lugares desdobrados* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2008); *Arte no Brasil 1981-2006* (Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2007); e *Manobras radicais* (Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil, 2006). Algumas de suas exposições individuais incluem: *Eclipse* (Pinacoteca da Feevale, Novo Hamburgo, Brasil, 2013); *Cores, palavras e cruces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil, 2002); e Projeto Eventos Especiais (Funarte, Rio de Janeiro, Brasil, 1996). Sua obra está presente nas coleções da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, entre outras.

Working within the expanded field of painting and sculpture, Karin Lambrecht’s work embodies the gestural abstraction of her 1980s generation while referencing Arte Povera and Joseph Beuys. Using vibrant pigments, produced by the artist herself, she applies broad, gestural brushstrokes to hand-stitched frameless, torn, and burned canvases, sometimes incorporating organic materials such as animal blood, charcoal, rainwater, and earth. Her recurring motifs include crosses, the human body, and handwritten or stamped enigmatic words that emerge from layers of paint evoking illness, death, and cure.

In 2001, Lambrecht produced “Eu e você” (You and me), an “action painting” performed in Bagé, a small village in the Southern state of Brazil. Slicing the neck of a lamb, Lambrecht allowed the animal’s blood to flow onto the white surfaces of her dress and canvas, as paint for her surfaces. The painting was considered finalized, the moment the lamb finally succumbed to death.

Karin Lambrecht was born in 1957 in Porto Alegre, where she lives and works. She featured in the 18th, 19th, and 25th editions of the Bienal de São Paulo (1985, 1987, and 2002) and in the 5th Mercosul Biennial (2005), all in Brazil. Group shows in the last few years include: *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2011); *Lugares desdobrados* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2008); *Arte no Brasil 1981-2006* (Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, 2007); and *Manobras radicais* (Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brazil, 2006). Solo shows include: *Eclipse* (Pinacoteca da Feevale, Novo Hamburgo, Brazil, 2013); *Cores, palavras e cruces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brazil, 2002); and *Projeto Eventos Especiais* (Funarte, Rio de Janeiro, Brazil, 1996). Her works are included in the collections of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; and Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, among others.



Lucia Koch  
**Spaghetti (2 windows)**, da série/  
from the series **Fundos** 2006  
impressão jato de tinta sobre papel de algodão/  
inkjet on cotton print  
ed 5/6 + 1PA  
240 x 110 cm



Intervenções com filtros e telas, vídeos e fotografias são algumas das mídias que Lucia Koch escolheu para investigar questões de luz e espacialidade, em diálogo constante com a arquitetura. Ao criar estados alterados dos lugares nos quais interferem, seus trabalhos reorientam não apenas a percepção, mas também a compreensão do mundo construído.

Ela participou do projeto independente “Arte Construtora”, que ocupou casas, parques e uma ilha em diferentes cidades brasileiras (1992/1996). Desde então, Koch desenvolveu um interesse por espaços domésticos e a forma como estes se relacionam com a vida nas cidades. Seus trabalhos englobam diferentes contextos, como um banho turco na Bienal de Istambul (2003) ou um área de venda de tecidos por atacado em Nagoya para a Trienal de Aichi (2010).

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo. Participou da Bienal de Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2013); da 11ª Bienal de Lyon, França (2011); da 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); das 2ª, 5ª e 8ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2011); e da 8ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2003). Exposições coletivas de que participou recentemente incluem: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, EUA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, EUA, 2009; Contemporary Art Museum, Tóquio, Japão, 2008). Suas mais recentes mostras individuais são: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA, 2014); *a small show with a lot of space in it* (Christopher Grimes Gallery, Santa Monica, EUA, 2013); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011).

Interventions with filters and screens, videos, and photographs are some of the media Lucia Koch has chosen in order to investigate issues of light and spatiality, in dialogue with architecture. By creating altered states of the places they interfere with, her works reorient not only perception, but the comprehension of the constructed world.

She participated in the “Arte Construtora” independent project, which occupied houses, parks, and an island in different Brazilian cities (1992 / 1996). Since then, Koch has pursued an interest in domestic spaces and how they relate to life in the city. Having works on contexts such as a functioning Turkish bath for the Istanbul Biennial (2003) or a textile wholesale area in Nagoya, for the Aichi Triennale (2010).

Lucia Koch was born in 1966 in Porto Alegre. She lives and works in São Paulo. She featured in the Sharjah Biennial, in the United Arab Emirates (2013); the 11th Lyon Biennale, in France (2011); the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006); the 2nd, 5th, and 8th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2011); and the 8th Istanbul Biennial, in Turkey (2003). Recent group shows include: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, USA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, USA, 2009; Contemporary Art Museum, Tokyo, Japan, 2008). Recent solo shows include: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, USA, 2014); *a small show with a lot of space in it* (Christopher Grimes Gallery, Santa Monica, USA, 2013); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011); and *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madrid, Spain, 2008).



Marcelo Silveira  
**Pele VIII** 2009 / 2013  
madeiras (Cajacatinga) e pinos metálicos/  
Cajacatinga wood and metal pins  
150 x 90 x 30 cm



Marcelo Silveira  
**Caixas de retratos (mesa)** 2008 / 2009  
10 caixas de madeira, vidro e latão, 500 colagens, mesa de madeira forrada com veludo/10 wooden boxes, glass and metal, 500 collages, wood table and velvet  
39 x 30 cm (cada caixa/each box) / 120 x 220 cm (mesa/table)





Marcelo Silveira produz trabalhos com repercussões tanto no campo da escultura quanto dos objetos apropriados. Com sua hibridez local, o trabalho do artista ocupa um espaço entre: metade dentro e metade fora do museu.

A acumulação é uma das suas estratégias favoritas: objetos reminiscetes de aparelhos domésticos descaradamente esvaziados de qualquer uso funcional, mas que parecem carregar significados; esferas feitas de vários materiais e tamanhos diversos, imóveis, como se esperassem algum evento anunciado; centenas de objetos de vidro (copos, garrafas ou meros cacos)... Esses objetos convergem nas grandes coleções e livros de artista de Marcelo Silveira. De fato, a idiossincrática organização do artista é fundamental para sua produção, permitindo, por meio de uma certa ordem, que o outro entre no seu trabalho.

“Warehouse Republic” (2004) é uma instalação composta de, no mínimo, dois segmentos distintos, que compartilham, com exceção do nome, a mesma estratégia de construção. Em um desses segmentos, uma centena de peças esculpidas em madeira são prendidas ao teto com faixas de couro, esperando por algum uso improvável. Em outro segmento, uma centena de objetos (copos, potes, espelhos, garrafas, vasos, lâmpadas e cacos quebrados) são organizados em prateleiras, formando um painel vertical e frágil contraposto pela horizontalidade opaca e robusta dos objetos de madeira pendurados acima.

Marcelo Silveira nasceu em 1962, em Gravatá, Pernambuco. Vive e trabalha em Recife. Participou da 1ª Bienal Internacional de Artes Plásticas de Buenos Aires, Argentina (2000); da 5ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2005); da 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007); da 29ª Bienal de São Paulo (2010); além das mostras coletivas *O Guardião das coisas inúteis* (MAMAM, Recife, Brasil, 2014); *Duplo Olhar: um recorte da coleção de Sérgio Carvalho* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil); *Além da biblioteca* (Frankfurter Buchmesse, Frankfurt, Alemanha, 2013); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *MAC 50: doações recentes 1* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); e *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013). Entre suas exposições individuais recentes estão: *Chronos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Arquitetura de interiores* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2008); e *Marcelo Silveira* (Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo, Brasil, 2005).

Marcelo Silveira produces works that resonate in both the field of sculpture and the field of appropriated objects. Expressing a local hybridity, his work occupies a place in between: half inside and half outside of the museum.

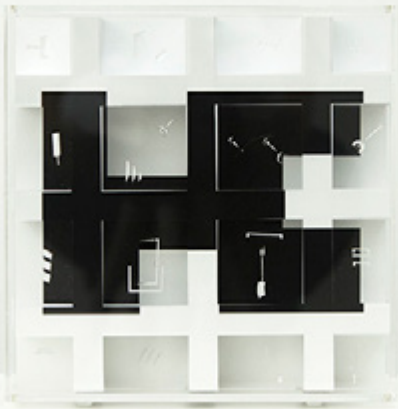
Accumulation constitutes a favorite strategy of his: objects reminiscent of household appliances, blatantly stripped of any use, that yet seem to bear some meaning; spheres made of various materials and in various sizes, motionless, as if awaiting some announced event; hundreds of glass objects (from drinking glasses to bottles to mere shards)..: It all can come together in Marcelo Silveira's large collections and artist's books. In fact, the artist's idiosyncratic way of organizing is tantamount to his practice, allowing, through a certain order, for another person to enter into the work.

“Warehouse Republic” (2004), is an installation made up of two distinct segments, which share, apart from the name, the same construction strategy. In one of these segments, one hundred pieces sculpted in wood are tied to the ceiling with strips of leather waiting for some improbable use. In the other segment, hundreds of glass objects (cups, pots, mirrors, bottles, vases, lamps, and broken shards) are arranged on shelves, forming a vertical and fragile panel counterpoised with the opaque and robust horizontality of the wooden objects hung above.

Marcelo Silveira was born in 1962 in Gravatá, state of Pernambuco. He lives and works in Recife. He featured in the 1st International Art Biennial of Buenos Aires, Argentina (2000); the 5th Mercosul Biennial in Porto Alegre, Brazil (2005); the 4th Valencia Biennial, Spain (2007), and the 29th São Paulo Biennial (2010); and in the group shows *O Guardião das coisas inúteis* (MAMAM, Recife, Brazil, 2014); *Duplo Olhar: um recorte da coleção de Sérgio Carvalho* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2014); *Além da biblioteca* (Frankfurter Buchmesse, Frankfurt, Germany, 2013); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *MAC 50: doações recentes 1* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); and *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013). Recent solo shows include: *Chronos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Arquitetura de interiores* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2008); and *Marcelo Silveira* (Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo, Brazil, 2005).

Marco Maggi  
**Drop** 2012  
incisões sobre bloco de acrílico/  
incisions on acrylic block  
10 x 10 x 10 cm





Marco Maggi  
**HO** 2013  
recortes em papel/  
cuts on paper and plexiglas  
21 x 21 x 6 cm cada/each



marco	maggi

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, estimula seu público de forma espirituosa e delicada a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e aprofundar-se em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive.

Na série “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA”, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços de cor da reprodução oculta embaixo, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. As instalações mantêm o uso do papel, mas as numerosas pilhas, a distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

Marco Maggi nasceu em Montevideu, Uruguai, em 1957. Vive e trabalha em Nova York e Montevideu. *Flow, just flow* (Joel and Lila Harnett Museum of Art, Richmond, EUA, 2013); *MoCA’s permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Espanha, 2010); e *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA, 2010) são algumas das mostras coletivas em que apresentou seu trabalho recentemente. Participou também da 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002); da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); da 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); da 17ª Bienal da Guatemala (2010); e da Bienal de Cuenca, Equador (2011). Exposições individuais recentes incluem: *Color Files* (MOLAA Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2013); *Lentissimo* (Vassar College Museum, Nova York, EUA, 2013); *Desinformação funcional – desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2012); e *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, Nova York, EUA, 2011). Seus trabalhos integram acervos como: MoMA, Nova York, EUA; Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; Museum of Fine Arts, Boston, EUA; Fine Arts Museums of San Francisco, San Francisco, EUA; e Daros Foundation, Zurique, Suíça; entre outros.

The presence of paper and the intimate character are two constants in the work of Marco Maggi, even in his large installations. Ever since he established his career, in the 1990s, Maggi has wittily and delicately encouraged his audience to slow down their pace, and watch, pay attention, and delve deeper into his works, the life that surrounds them, and the society in which they live.

In a series entitled “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA,” Maggi shows his acute critical sense by using reproductions of pieces by artists of the likes of Gerhard Richter, Andy Warhol, and Hélio Oiticica to comment on the mediated condition of contemporary life. Heaps of white paper cover reproductions, slashed with precision to create reliefs and gaps that reveal traces of tones from the reproductions hidden underneath, forming a big white landscape spiked with small slits of color. The installations maintain the use of paper, but from a distance, the numerous heaps do not show their nature; one must come closer, become somewhat acquainted with the works and dedicate some time to finding out what they reveal.

Marco Maggi was born in 1957 in Montevideo, Uruguay. He lives and works in New York and Montevideo. He recently showed his work in shows such as *Flow, just flow* (Joel and Lila Harnett Museum of Art, Richmond, EUA, 2013); *MoCA’s permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, USA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Spain, 2010); and *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, 2010). He also featured in the 25th Bienal de São Paulo, Brazil (2002); the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003); the 29th Pontevedra Biennial, in Spain (2006); the 17th Guatemala Biennial (2010); and the Cuenca Biennial, in Ecuador (2011). Recent solo shows include: *Color Files* (MOLAA Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2013); *Lentissimo* (Vassar College Museum, Nova York, USA, 2013); *Desinformação funcional – desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2012); and *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, New York, USA, 2011). His works are included in the collections of the MoMA, New York, USA; Whitney Museum of American Art, New York, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; Museum of Fine Arts, Boston, USA; Fine Arts Museums of San Francisco, San Francisco, USA; and Daros Foundation, Zurich, Switzerland; among others.



Marcos Chaves  
**Ficus macrophylla** 2011  
impressão fotográfica, montagem em metacrilato/  
photograph on dia-sec-face  
ed 1/3 + 2PAs  
86 x 480 cm



Marcos Chaves iniciou sua atividade artística na primeira metade dos anos 1980. Trabalhando sobre os parâmetros do pastiche e da intervenção, sua obra é caracterizada pela utilização de diversas mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, fotografias, vídeos, desenhos, palavras e sons.

É frequente o registro de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou via pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia, como na série "Buracos" (1996 - ) e "Retratos" (2009). Entre as apropriações fotográficas do artista, destaca-se a imagem de cartão postal do Rio de Janeiro com a expressão: "Eu só vendo a vista". Com intervenções gramaticais sutis, a frase, dentro do seu contexto, está aberta a várias interpretações. Desde "eu, sozinho, vendo a vista", "eu vendo apenas a vista", "eu vendo apenas à vista" ou até "apenas a vista está à venda". Assim, o artista transforma o onipresente e idealizado cartão postal no campo minado do autoexame nacional.

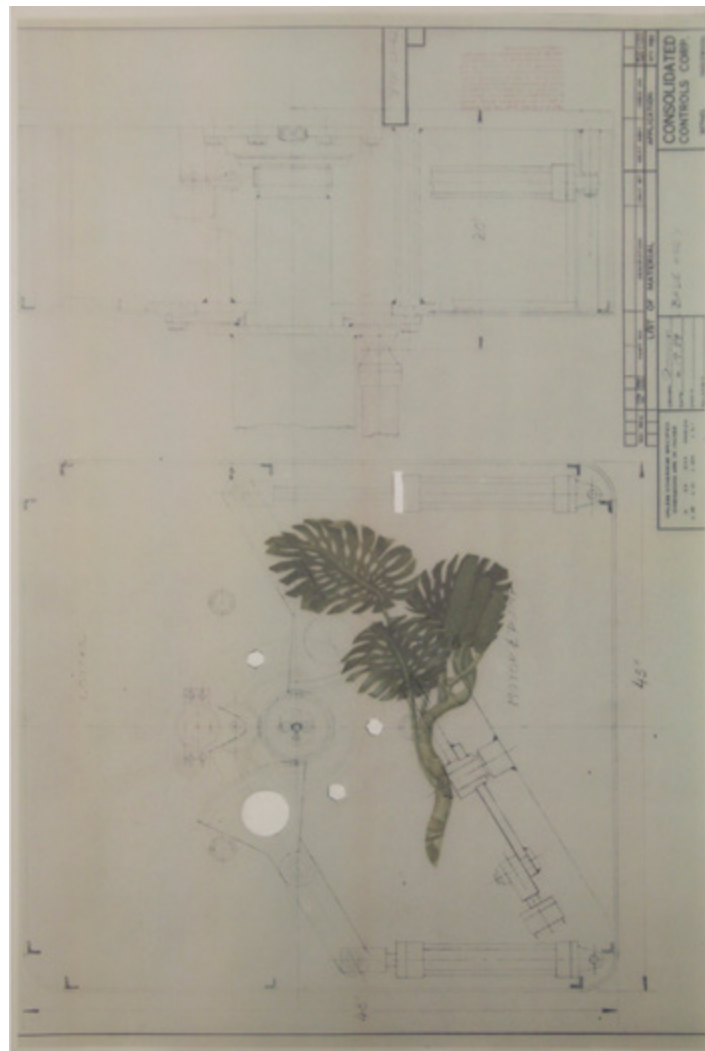
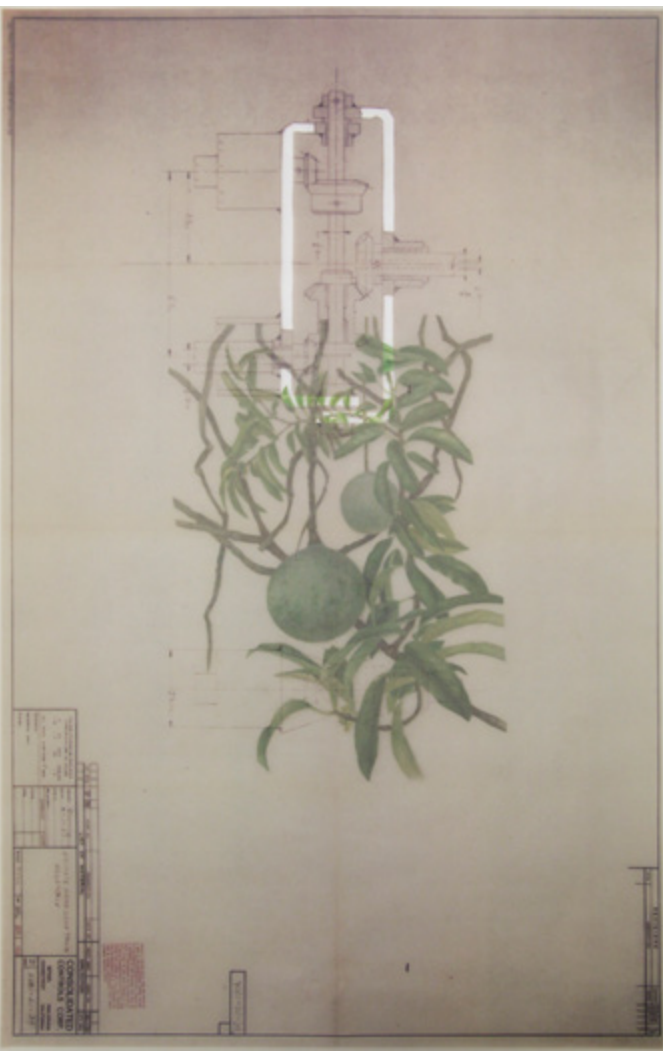
Marcos Chaves nasceu em 1961, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brasil, 2009); e *Laughing mask* (Butcher's, Londres, Inglaterra, 2008) são algumas de suas mostras individuais recentes. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005), e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; da 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras. Exposições coletivas recentes de que participou incluem: *Bordallianos no Brasil* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Espanha, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valência, Espanha, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009).

Marcos Chaves began his artistic career in the early 1980's. Working within the field of pastiche and intervention, his oeuvre is characterized by the use of diverse medias, openly moving between the production of objects, photographs, videos, drawings, words and sounds.

Appropriating small elements or scenes from everyday life, Marcos Chaves attempts to document, directly or via small alterations, the extraordinary that inhabits the prosaic in daily life, as in the "Buracos" (1996- ) and "Retratos" (2009) series. Noted among the artist's photographic appropriations is the postcard image of Rio de Janeiro with the expression "Eu só vendo a vista." With subtle grammatical interventions, the phrase, within this context, is open to many interpretations. From, "I, alone, see the view, I only sell the view, I only sell for cash" to even, "only the view is for sale," the artist transforms the ubiquitous, idealizing postcard into a minefield of Brazilian self-examination.

Marcos Chaves was born in 1961 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include: *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brazil, 2009); and *Laughing mask* (Butcher's, London, England, 2008). He featured in the 1st and 5th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre (1997 and 2005), and the 25th Bienal de São Paulo (2002), all in Brazil; the 17th Cerveira Biennale, in Portugal (2013), and the 54th Venice Biennale, in Italy (2011), among others. Recent group shows include: *Bordallianos no Brasil* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Spain, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valencia, Spain, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Pecci Center for Contemporary Art, Prato, Italy, 2009).





Melanie Smith -- **Collage 9** 2014 -- colagem/collage -- 43 x 28 cm

Melanie Smith -- **Collage 8** 2014 -- colagem/collage -- 43 x 28 cm

Melanie Smith -- **Collage 7** 2014 -- colagem/collage -- 43 x 28 cm



Desde 1989, Melanie Smith vive e trabalha na Cidade do México, uma experiência que muito influencia a sua obra. Seu trabalho é caracterizado por uma certa releitura das categorias formais e estéticas dos movimentos de vanguarda e pós-vanguarda, problematizadas nos lugares e horizontes das heterotopias. Sua produção está intimamente ligada à visão expandida da noção de modernidade, estabelecendo paralelos com o seu significado na América Latina, particularmente no México, e lidando com as implicações nas suas próprias explorações formais, como um momento crítico na estrutura estético-política da modernidade e da modernidade tardia.

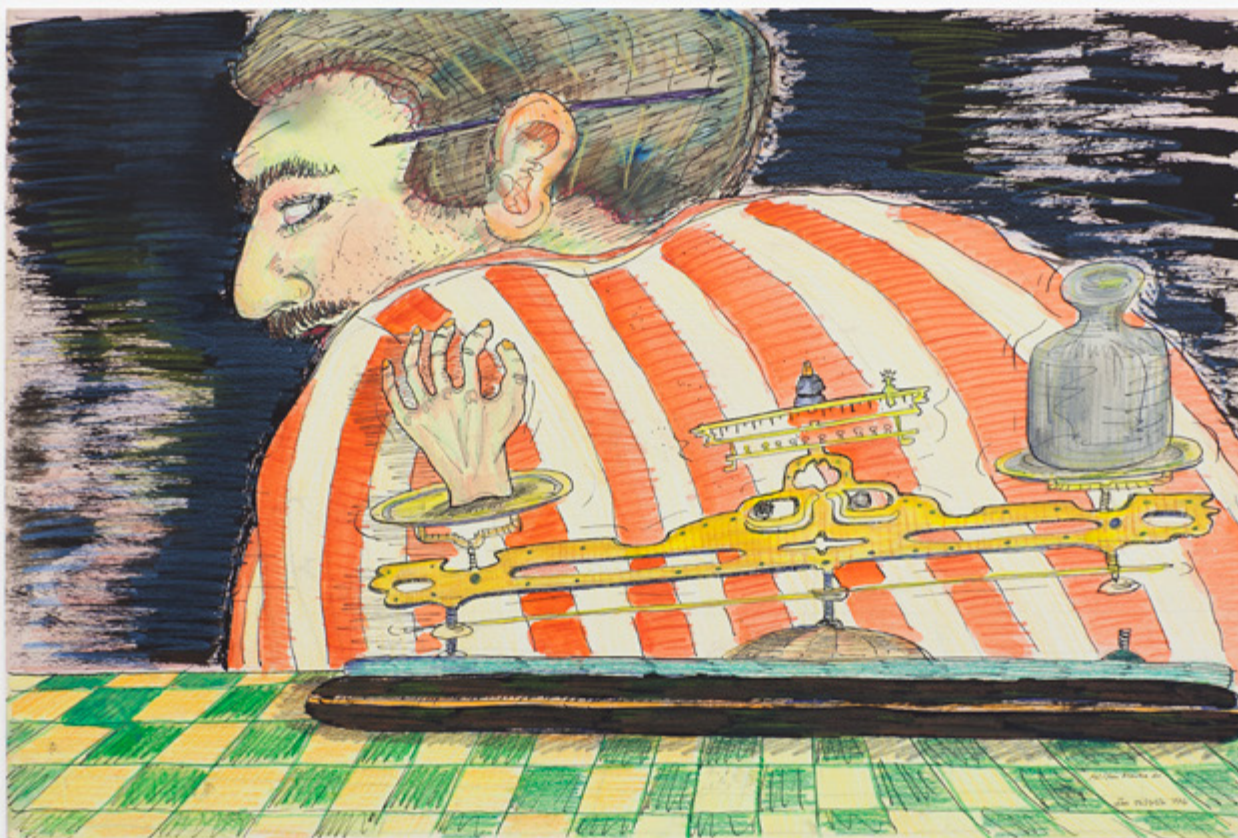
Seus primeiros trabalhos consideravam a Cidade do México em si, registrando suas multidões, sua violência, sua banalidade e sua natureza clandestina, bem como sua decomposição inerente. O trabalho mais extraordinário desse ciclo é o vídeo "Spiral City" (2002). Em outro trabalho, ela amplia as noções de lugar e não lugar documentando a pequena cidade de Parres nos arredores da capital. A artista produziu uma trilogia de filmes 35mm e uma série de pinturas e instalações que revisitam a ideia modernista do monocromático.

Melanie Smith nasceu em 1965, em Poole, Reino Unido, e radicou-se na Cidade do México, México. Participou da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); e da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Entre as exposições coletivas de que participou recentemente estão: *Under the Mexican sky: Gabriel Figueroa – art and film* (Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA, 2013); *México inside out: themes in art since 1990* (Modern Art Museum of Fort Worth, Fort Worth, EUA, 2013); *Salvajes - Digesting Europe Piece by Piece* (Traneudstillingen Exhibition Space, Copenhagen, Dinamarca, 2012); *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, EUA, 2011); *The Smithsonian effect* (Utah Museum of Fine Arts, Salt Lake City, EUA, 2011); e *The twentieth century* (Tate, Liverpool, Inglaterra, 2009); além de mostras individuais como: *Melanie Smith* (Contemporary Art Museum Houston, Houston, EUA, 2014); *Green is the colour* (Sicardi Gallery, Houston, EUA, 2014); *Xilitla* (FLORA ars+natura, Bogotá, Colômbia, 2013); *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, México, 2013); *Melanie Smith* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil, 2012); *Short Circuit* (Villa Merkel, Esslingen, Alemanha, 2012); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); e *Xilitla* (El Eco, Cidade do México, México, 2010).

Since 1989 she has lived and worked in Mexico City, an experience that has enormously influenced her works ever since. Her work has been characterized by a certain re-reading of the formal and aesthetic categories of avant-gardes and post-avant-garde movements, problematized at the sites and within the horizons of heterotopias. Her production is intimately related to a certain expanded vision of the notion of modernity, maintaining a relationship both with what this means in Latin America, particularly in Mexico, and with the implication this has for her formal explorations as a critical moment in the aesthetic-political structure of modernity and late modernity.

Her earlier pieces considered Mexico City itself, recording its multitudes, its violence, its banality, and its clandestine nature and at the same time its inherent decomposition. The most outstanding piece from this cycle is the video *Spiral city* (2002). In another of her works, she broadens the notions of place and non-place by documenting the small town of Parres on the outskirts of the city. She produced a trilogy of 35mm films and a series of paintings and installations that rework the modernist idea of the monochromatic.

Melanie Smith was born in 1965 in Poole, United Kingdom, and later moved to Mexico City, Mexico. She participated in the 54th Venice Biennale, in Italy (2011); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Under the Mexican sky: Gabriel Figueroa – art and film* (Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, USA, 2013); *México inside out: themes in art since 1990* (Modern Art Museum of Fort Worth, Fort Worth, USA, 2013); *Salvajes - Digesting Europe Piece by Piece* (Traneudstillingen Exhibition Space, Copenhagen, Denmark, 2012); *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, USA, 2011); and *The twentieth century* (Tate, Liverpool, England, 2009). She has also held recent solo shows such as: *Melanie Smith* (Contemporary Art Museum Houston, Houston, USA, 2014); *Green is the colour* (Sicardi Gallery, Houston, USA, 2014); *Xilitla* (FLORA ars+natura, Bogotá, Colômbia, 2013); *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, Mexico, 2013); *Melanie Smith* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil, 2012); *Short Circuit*, (Villa Merkel, Esslingen, Germany, 2012); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); and *Xilitla* (El Eco, Mexico D.F., Mexico, 2010).



Milton Machado  
**Mão Pesada**, da série/from the series **Desenhos Rativosos** 1976  
nanquim e lápis de cor sobre papel/india ink and pencil on paper  
34.5 x 51.7 cm



milton	machado

Nos seus primeiros trabalhos, a maioria desenhos realizados durante o período da ditadura, Milton Machado usava sua formação em arquitetura para criar projetos e relatos aparentemente lógicos que, de fato, eram fictícios e inviáveis. Nas décadas seguintes, ele progressivamente aumentou a escala dos seus trabalhos e expandiu a diversidade dos gêneros que utiliza, vindo a incluir objetos, esculturas, vídeos, fotografias e grandes instalações. Entretanto, nunca deixou de explorar a tensão gerada pelos questionamentos artísticos dos modelos de conhecimento científico.

Com suas intervenções, Milton Machado cria ou evidencia relações que são surpreendentes e reveladoras, preenchendo lacunas entre campos teoricamente separados: indústria e arte, arquitetura e imagem, família e política, etc. Evitando conexões explícitas, ele usa crítica e humor misturados a um profundo tom de ironia e desilusão para criar narrativas visuais inventadas. Destaca-se, na sua obra, a série em andamento há 30 anos, "História do Futuro": uma fábula urbana que mescla teoria crítica, arquitetura e planejamento urbano, para discutir os movimentos dinâmicos e imprevisíveis da vida e morte de uma cidade ficcional.

Milton Machado nasceu em 1947 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou das 10ª, 19ª e 29ª edições da Bienal de São Paulo (1969, 1987 e 2010) e da 7ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2009). Exposições individuais recentes incluem: *Mão Pesada* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Cine Lage* (Escola de artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Produção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009); *Homem muito abrangente* (Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil, 2006) e *Sobre a mobilidade* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2005). Entre as participações em mostras coletivas recentes estão: *Imagine Brazil* (Astrup Fearnley Museet, Oslo, Noruega, 2013); *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Genealogias do contemporâneo* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Novo museu tropical* (TEOR/ética, San José, Costa Rica, 2012); *17ª Festival Internacional de Arte Contemporânea Videobrasil – Panoramas do Sul* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011); e *Europalia: art in Brazil* (Bozar, Bruxelas, Bélgica, 2011). Seu trabalho integra coleções públicas como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; University of Essex, Essex, Inglaterra; do Museo de Arte de Lima, Lima, Peru; Museo Civico di Arte Contemporanea, Gibellina, Itália) e da Daros Foundation, Zurique, Suíça.

In his early works, mostly drawings made during the dictatorship period, Milton Machado used his background in architecture to create seemingly logical projects and narrative drafts that were actually fictional and unfeasible. In the decades that followed, he has progressively increased the scale and expanded the diversity of the genres he uses, coming to include objects, sculpture, video, photography, and large installations, but he keeps exploring the tension brought about by artistic inquiries into the models of scientific knowledge.

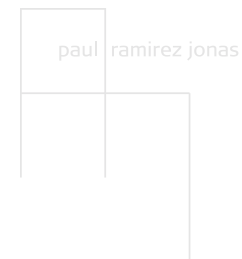
With his interventions, Milton Machado either creates or evidences relationships which are surprising and revealing, bridging the gap between theoretically separate fields: the industrial and the artistic; the architectural and the pictorial; the family and the political, etc. Avoiding explicit connections, he uses critique, humor, intermixed with a deep-seated tone of irony and disillusionment to create confabulated visual narratives. Noted among his oeuvre, is the 30 year and still ongoing series "História do Futuro" (History of the Future): an urban tale meshing critical theory, architecture, and urban planning to discuss the dynamic and unpredictable movements of life and death of a fictional city.

Milton Machado was born in 1947 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 10th, 19th, and 29th editions of the Bienal de São Paulo (1969, 1987, and 2010) and the 7th Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2009), all in Brazil. Recent solo shows include *Mão Pesada* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Cine Lage* (Escola de artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Produção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009); *Homem muito abrangente* (Museu da República, Rio de Janeiro, Brazil, 2006) and *Sobre a mobilidade* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2005). Recent group shows include: *Imagine Brazil* (Astrup Fearnley Museet, Oslo, Norway, 2013); *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Genealogias do contemporâneo* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Novo museu tropical* (TEOR/ética, San José, Costa Rica, 2012); *17ª Festival Internacional de Arte Contemporânea Videobrasil – Panoramas do Sul* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011); and *Europalia: art in Brazil* (Bozar, Brussels, Belgium, 2011). His work is in public collections such as that of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil; University of Essex, Essex, England; Museo de Arte de Lima, Lima, Peru; Museo Civico di Arte Contemporanea, Gibellina, Italy and Daros Foundation, Zurich, Switzerland.





Paul Ramirez Jonas  
**Declaration** 2007  
trompete e bandeira de algodão/  
herald's brass trumpet, cotton flag  
193 x 193 cm



Paul Ramirez Jonas é um artista contemporâneo cuja obra, atualmente, explora o potencial entre o artista e o espectador, entre a obra de arte e o público. Ele os vê como monumentos, ao invés de esculturas, como objetos que falam ao público, muitas vezes sem um autor, e comunicam ideais, histórias e sonhos coletivos, ao invés da expressão individual do artista. Seus trabalhos visam incitar ações, frequentemente utilizando textos, modelos ou materiais pré-existentes, com o intuito de estabelecer situações que incentivem os espectadores a os completar e validar.

Para a Bienal de São Paulo de 2008, Paul Ramirez Jonas brincou com o aspecto misterioso e simbólico do talismã. Incentivando o público a se envolver com o trabalho, "Talisman" pedia que o participante trocasse a chave de sua casa por uma chave da porta da frente do icônico Pavilhão Cicillo Matarazzo, onde a mostra é realizada. No ano seguinte, para a 7ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Ramirez Jonas esculpiu três grandes rochas, transformando-as em um espaço para placas monumentais. Ao invés de criar monumentos permanentes para honrar uma personalidade ou eventos nacionais, o artista transformou monumentos em quadros de cortiça para receberem mensagens passageiras ou notas pessoais, a voz efêmera do seu público.

Paul Ramirez Jonas nasceu em 1965, em Honduras. Vive e trabalha em Nova York, EUA. Participou da 53ª Bienal de Veneza, Itália (2009); da 6ª Bienal de Xangai, China (2006); da 28ª Bienal de São Paulo (2008) e da 7ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2009), ambas no Brasil. Exposições coletivas recentes de que participou incluem: *Over the Water* (Exploratorium, San Francisco, EUA, 2014); *Blue Print 2.0* (Kunsthal KAdE, Amersfoort, Países Baixos, 2014); *It's mine! Landscape and appropriation* (MaRT, Rovereto, Itália, 2014); *ReMODEL2: expanding the dialogue* (Claremont Graduate University, Claremont, EUA, 2013); *Artists experiment* (The Museum of Modern Art, New York, EUA, 2013); *Chasing horizons* (Villa Terrace Decorative Arts Museum, Milwaukee, EUA, 2013); *Caribbean: crossroads of the world* (El Museo del Barrio, Nova York, EUA, 2012). Suas mais recentes mostras individuais são: *Assembleia* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Publicar* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011); e *Key to the city* (Creative Time, Nova Iorque, EUA, 2010). Suas obras fazem parte de coleções como as de: Blanton Museum of Art, Austin, EUA; Bronx Museum, Nova York, EUA; New Museum, Nova York, EUA; Albright-Knox Art Gallery, Nova York, EUA; Malmö Konstmuseum, Malmö, Suécia; e Itaú Cultural, São Paulo, Brasil.

Paul Ramirez Jonas is a contemporary artist whose work currently explores the potential between artist and audience, artwork and public. He thinks of his works as monuments rather than as sculptures -- as objects that address a public, often without an author, and communicate collective ideals, histories, and dreams rather than the individual expression of the artist. Often utilizing pre-existing texts, models, or materials, he seeks to prompt action by re-enacting situations that encourage viewers to complete and validate the works.

For the 2008 São Paulo Biennial, Paul Ramirez Jonas played off the mysterious and symbolic aspect of a talisman. Encouraging the public to engage with a work of art, "Talisman" requested a private key from the participant in exchange for a key to the front door of the Biennial venue (the iconic Cicillo Matarazzo Pavilion). The following year, for the 7th Mercosul Biennial in Porto Alegre, Ramirez Jonas altered three large boulders by carving into them a space for monument plaques to be placed. Instead of creating permanent monuments to a State honored figure or event, he turned the monuments into platforms for cork boards for the fleeting message or personal note-the ephemeral voice of his public.

Paul Ramírez Jonas was born in 1965 in Honduras. He lives and works in New York, USA. He featured in the 53rd Venice Biennale, Italy (2009); the 6th Shanghai Biennale, China (2006); the 28th Bienal de São Paulo (2008) and the 7th Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2009), both in Brazil. Recent group shows include: *Over the Water* (Exploratorium, San Francisco, USA, 2014); *Blue Print 2.0* (Kunsthal KAdE, Amersfoort, the Netherlands, 2014); *It's mine! Landscape and appropriation* (MaRT, Rovereto, Italy, 2014); *ReMODEL2: expanding the dialogue* (Claremont Graduate University, Claremont, USA, 2013); *Artists experiment* (The Museum of Modern Art, New York, USA, 2013); *Chasing horizons* (Villa Terrace Decorative Arts Museum, Milwaukee, USA, 2013); *Caribbean: crossroads of the world* (El Museo del Barrio, New York, USA, 2012). Recent solo shows include: *Assembleia* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Publicar* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2011); and *Key to the city* (Creative Time, New York, USA 2010). His works are included in collections such as: the Blanton Museum of Art, Austin, USA; Bronx Museum, New York, USA; New Museum, New York, USA; Albright-Knox Art Gallery, New York, USA; Malmö Konstmuseum, Malmö, Sweden; and Itaú Cultural, São Paulo, Brazil.





Paulo Bruscky -- **Arte/Pare** 1973 -- impressão sobre papel fotográfico a partir de negativos digitalizados/photograph from digitalized negative film -- ed 1/5 + 2 PA -- 50 x 70 cm cada / each

# SIRVAM-SE

Paulo Bruscky  
1971/2008  
Fotografia de Paulo Bruscky



Paulo Bruscky  
**Sirvam-se** 1971 - 2008  
tábua de passar, pratos, grama e tesoura de  
jardinagem/ironing board, plates, grass, and  
gardening scissors  
tábua/board 81 x 90 x 27 cm /  
placa/sign board: 40 x 60 x 2 cm





Com uma trajetória artística que engloba quatro décadas, Bruscky nunca parou de experimentar e inovar: empregou fotocopiadoras e máquinas heliográficas, além de selos e carimbos postais. O artista usou também equipamentos médicos do Hospital Agamenon Magalhães, onde trabalhou vários anos, nas suas criações encefalográficas, compondo a série “O meu cérebro desenha assim” (1976), recentemente adquirida pelo MoMA.

Em 1973, iniciou sua participação no Movimento Internacional de Arte Postal. Além disso, manteve contato com o grupo internacional de artistas, Fluxus, colaborando com Daniel Santiago na época. Participou de várias mostras de Arte Postal no mundo todo; organizou a primeira mostra de Arte Postal (1976), fechada pela Polícia, e a primeira mostra de Street Art (1981) no Brasil, ambas em Recife; produziu trabalhos sonoros, entre eles “Ra(u)dio Arte Show”, transmitido ao vivo por uma estação de rádio local; e concebeu vários projetos utópicos (entre eles, vários não realizados), tais como “Presépio Urbano” (1987), que pretendia transformar a cidade de Recife em uma única decoração de luz natalina. Em 1981, organizou a Exposição Internacional de Poemas em Out-Door Visuais - ART-porta, um evento que contou com o apoio da prefeitura de Recife, que consistia na instalação de 180 pôsteres de artistas de 28 países, incluindo o trabalho de Christo e Regina Vater, entre outros. Após receber uma bolsa da Fundação Guggenheim, em 1982, Bruscky passou um ano em Nova York, onde, em colaboração com a Xerox, desenvolveu as bases da sua Arte-Xerox. Nesse mesmo ano, foi convidado para participar da 16ª Bienal de São Paulo com um trabalho que ele repetiria em 1989 e 2004, no qual uma sala especial recriou seu ateliê.

Paulo Bruscky nasceu em 1949, em Recife, onde reside e produz. Participou das 16ª, 20ª, 26ª e 29ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1981, 1989, 2004, 2010); da 10ª Bienal de Havana, Cuba (2009), entre outras bienais. Suas mais recentes mostras solo são: *Art is our last hope* (The Bronx Museum, Nova York, EUA, 2013); *Paulo Bruscky* (Plataforma Bogotá, Bogotá, Colômbia, 2013); *Banco de ideias* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2012); *Arte Correio* (Centro Cultural dos Correios, Recife, Brasil, 2011); *Paulo Bruscky – Uma obra sem original* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2010); e *Poiesis – contexto e limiar* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009). Obras suas integram acervos como: Tate, Londres, Inglaterra; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu d’Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Espanha; Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda; entre outros.

A career spanning more than four decades, Bruscky never ceased to experiment and innovate: employing photocopiers, blueprint machines, besides stamps and postmark devices; he utilized medical equipment from the Agamenon Magalhães Hospital, where the artist worked for several years, producing encephalographic works such as the series “O meu cérebro desenha assim” (1976), recently acquired by MoMA in 2013.

In 1973 he began to participate in the International Mail Art Movement and since then, in addition to being in contact with international Fluxus artists -- collaborating with Daniel Santiago's works of the time -- the artist has taken part in numerous mail art exhibitions around the world. He organized the first Mail Art exhibit (1976), closed by the police, and the first Street Art exhibition (1981) in Brazil, both of them in Recife, in addition, created sound works, among them a “Ra(u)dio Art Show”, which was broadcasted live on a mainstream radio station, conceived various utopian projects (many to this day unrealized), such as “Presépio Urbano” (1987) which sought to transform the city of Recife into a single Christmas light ornament. In 1981 he organized the “Exposição Internacional de Poemas em Out-Door Visuais - ART-porta”, an event which relied on the support of the city of Recife, consisting of the installation of a hundred and eighty artist poster projects from twenty-eight countries, including the work of Christo and Regina Vater, among others. Recipient of the Guggenheim Fellowship in 1982, Bruscky lived in New York for one year where, in collaboration with Xerox, developed the foundations for his Xerox-art. That same year, he was invited to participate in the 16th São Paulo Biennial, with a work he would repeat in 1989 and 2004, with a special room that recreated his studio.

Paulo Bruscky was born in 1949 in Recife, where he lives and works. He featured in the 16th, 20th, 26th, and 29th editions of the Bienal de São Paulo (1981, 1989, 2004, 2010); the 10th Havana Biennial, Cuba (2009), among other biennials. Recent solo shows include: *Art is our last hope* (The Bronx Museum, New York, USA, 2013); *Paulo Bruscky* (Plataforma Bogotá, Bogotá, Colombia, 2013); *Banco de ideias* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2012); *Arte Correio* (Centro Cultural dos Correios, Recife, Brazil, 2011); *Paulo Bruscky – Uma obra sem original* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brazil, 2010); and *Poiesis – contexto e limiar* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009). His works are included in the collections of: Tate, London, England; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu d’Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Spain; Stedelijk Museum, Amsterdam, Holland; among others.

Raul Mourão  
**3 janelas** 2014  
aço corten/weathering steel  
ed única/unique  
101 x 100 x 60 cm (4 volumes)



Raul Mourão  
**sem título/untitled** 2013  
aço corten/weathering steel  
85 x 150 x 50 cm



Inspirado pela paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro, Raul Mourão combina fragmentos de construção urbana com formas abstratas para criar suas esculturas móveis, desenhos, vídeos e performances. Usando como ponto de partida desenhos meticulosos, aparentemente arquitetônicos, ele cria esculturas e montagens abstratas e minimalistas que enfatizam a tensão entre o caos bruto da cidade e sua geometria controlada, incorporando, na sua biblioteca de referências, cercas de metal, sistemas de segurança e objetos remissivos de carrinhos e bancas de mercado. Desde 2010, o artista trabalha com esculturas cinéticas compostas por formas geométricas simples e reduções estruturais de formas modulares. Em muitos aspectos, sua nova produção combina a violência implícita dos seus trabalhos anteriores com uma preocupação formalista com o equilíbrio das formas.

Raul Mourão nasceu em 1967, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Entre as mostras coletivas de que participou nos últimos anos estão: *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Cinéticos e construtivos* (Carbono Galeria, São Paulo, Brasil, 2013); *From the margin to the edge* (Sommerset House, Londres, Inglaterra, 2012); *Studio X* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Travessias* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); e *Arquivo contemporâneo* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2009). Recentemente realizou exposições individuais como: *Moto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Movimento repouso* (Roberto Alban Galeria de Arte, Salvador, Brasil, 2013); *Tração animal* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012); *Toque Devagar* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Chão, Parede e Gente* (Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); *Mecânico* (3 + 1 Arte Contemporânea, Lisboa, Portugal, 2007); e *Luladepelúcia e outras coisas* (Galeria Oeste, São Paulo, Brasil, 2006).

Inspired by his urban surroundings of the city of Rio de Janeiro, Raul Mourão combines fragments of urban construction and abstract forms in his mobile sculptures, drawings, videos, and performances. Using meticulous, seemingly architectural drawings as his starting point, he creates minimalist abstract sculptures and assemblages that focus on the tension between the raw chaos of the city and its controlled geometry, incorporating in his reference library, metal railings, security systems, fences, and objects reminiscent of trolleys and stalls. Since 2010, the artist has been working on kinetic sculptures ruled by simple geometric forms and structural reduction made of modular forms. In many ways, his new production combines the violence implicit in his previous works with a formalist preoccupation with the balance of forms.

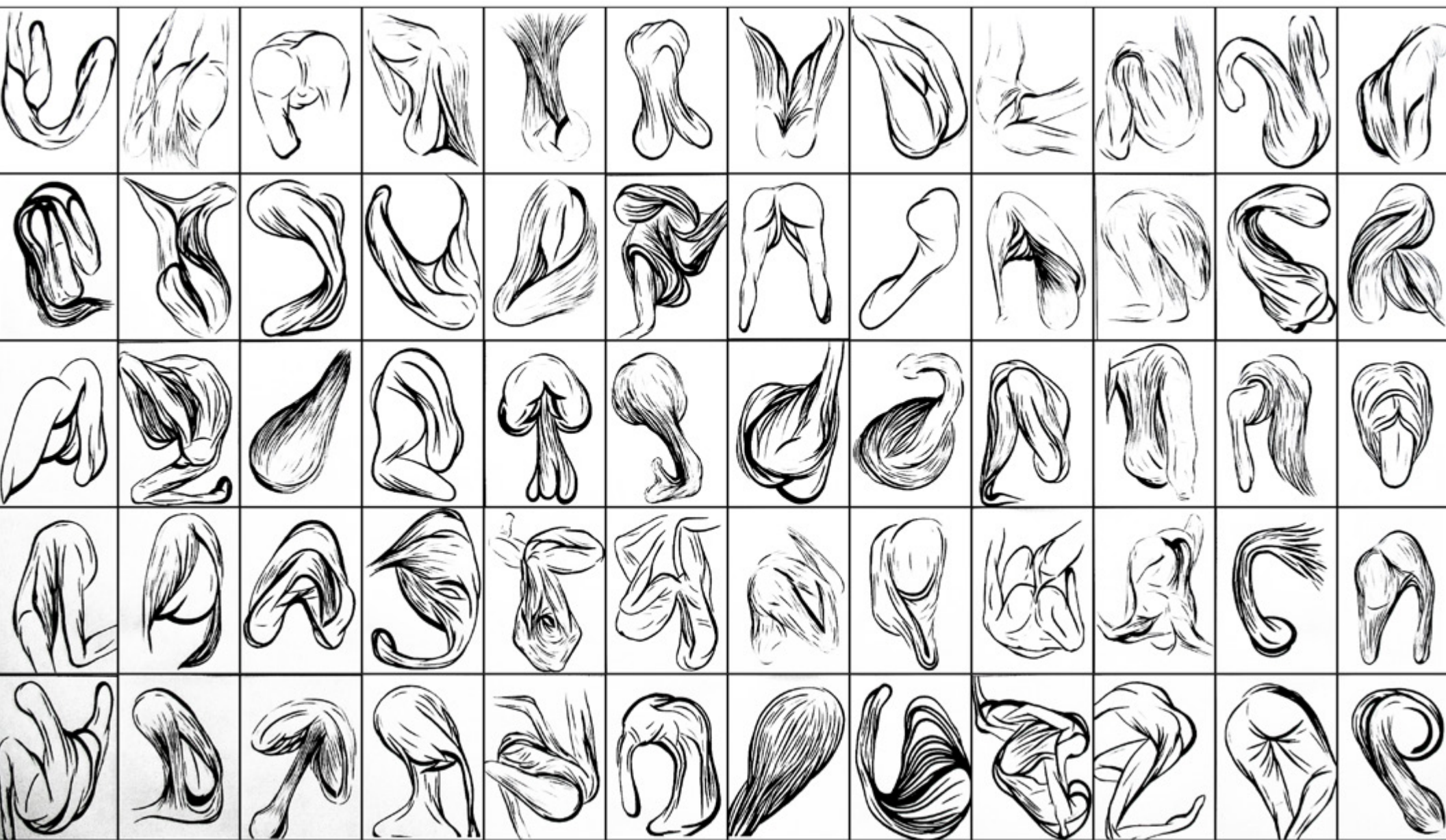
Raul Mourão was born in 1967 in Rio de Janeiro, where he lives and works. In the last few years, he participated in group shows such as: *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Cinéticos e construtivos* (Carbono Galeria, São Paulo, Brazil, 2013); *From the margin to the edge* (Sommerset House, London, United Kingdom 2012); *Studio X* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Projeto Travessias* (Complexo da Maré, Rio de Janeiro 2011); *Ponto de Equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2010); and *Arquivo contemporâneo* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil, 2009). Recent solo shows include: *Moto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Movimento repouso* (Roberto Alban Galeria de Arte, Salvador, Brazil, 2013); *Tração Animal* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012); *Toque Devagar* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Chão, Parede e Gente* (Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); *Mecânico* (3 + 1 Arte Contemporânea, Lisbon, Portugal, 2007); and *Luladepelúcia e outras coisas* (Galeria Oeste, São Paulo, Brazil, 2006).





Rodolpho Parigi -- **Atlas** 2012 -- colagem sobre papel/collage on paper -- ed único/unique edition -- 20 colagens/20 collages -- 80 x 60 cm cada/each







Rodolpho Parigi -- **Boa Noite cinderela** 2014 -- óleo sobre tela/oil on canvas -- 280 x 310 cm

Rodolpho Parigi está entre os artistas jovens brasileiros mais talentosos e prolíficos. Reunindo pintura, instalação, desenho e performance, seus trabalhos são uma explosão psicodélica de luz e cor com arranjos geométricos e antropomórficos.

Pertencente ao grupo de jovens artistas chamados “2008”, três correntes-chave marcam sua produção artística mais recente: pinturas explosivas com formas abstratas, performances que combinam teoria queer com a construção da história da arte e grandes desenhos antropomórficos em papel preto. Essas correntes, embora díspares, emergem de um impulso similar: um interesse profundo e uma fascinação pelo excesso do corpo, por suas representações anatômicas e pela imaginação pornográfica que o corpo instiga e multiplica. Na obra do artista, o corpo não é reproduzido precisamente, mas engolido e regurgitado como algo “corporal”, existindo verdadeiramente apenas na dimensão e nas limitações da superfície das suas escolhas.

Rodolpho Parigi nasceu em 1977, em São Paulo, onde vive e produz. Exposições coletivas recentes incluem: *Medos Modernos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2014); *Prática Portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Artistas em residência* (Red Bull Station, São Paulo, Brasil, 2014); *Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo* (Casa Modernista, São Paulo, Brasil, 2013); *O exercício da arte – FAAP, seus professores e alunos no acervo* (Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil, 2013); *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, Nova Iorque, EUA, 2011); *Spinnerei walkabout* (Leipzig, Alemanha, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2010). Sua principais mostras solo recentes são: *Febre* (Pivô, São Paulo, Brasil, 2013); *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brasil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, 2006). Suas obras fazem parte de coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; e Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

Rodolpho Parigi ranks among Brazil’s most talented and prolific young artists. Working with painting, installation, drawings, and performances, his works are an explosion of psychedelic light and color, geometric arrangements, and anthropomorphic.

Belonging to a group of young artists entitled “2008,” three main currents mark the artists recent production: explosive painting surfaces of abstract forms, performances that cross queer theory with the construction of the history of art, and large anthropomorphic drawings on black paper. These currents, albeit disparate, arise from a similar pulse: Parigi’s profound interest and fascination with the excess of the body, its anatomical renderings, and the pornographic imagination the latter instigates and proliferates. In the works of the artist, the body is not reproduced precisely, rather, it is engulfed and regurgitated back into something akin to what is “bodily” – an entity that only truly exists in the dimension and limitations of his surface of choice.

Rodolpho Parigi was born in 1977 in São Paulo, where he lives and works. Recent group shows include: *Medos Modernos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2014); *Prática Portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Artistas em residência*, (Red Bull Station São Paulo, Brazil, 2014); *Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo* (Casa Modernista, São Paulo, Brazil, 2013); *O exercício da arte – FAAP, seus professores e alunos no acervo* (Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brazil, 2013); *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, New York, USA, 2011); *Spinnerei walkabout* (Leipzig, Germany, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2010). Recent solo shows include: *Febre* (Pivô, São Paulo, Brazil, 2013); *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brazil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, 2006). His works are included in the collections of: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; and Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, among others.





Sergio Sister -- **Pontalete # 18** 2014 -- óleo sobre tela sobre madeira/oil on canvas on wood -- 200 x 160 cm



Como representante da Geração 80, Sérgio Sister revisita um tema antigo na pintura: a interação entre superfície e tridimensionalidade em uma tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marca a sua produção é uma sobreposição de camadas cromáticas, fazendo com que diferentes campos de cor coexistam em harmonia, lado ao lado, conservando, ao mesmo tempo, sua autonomia.

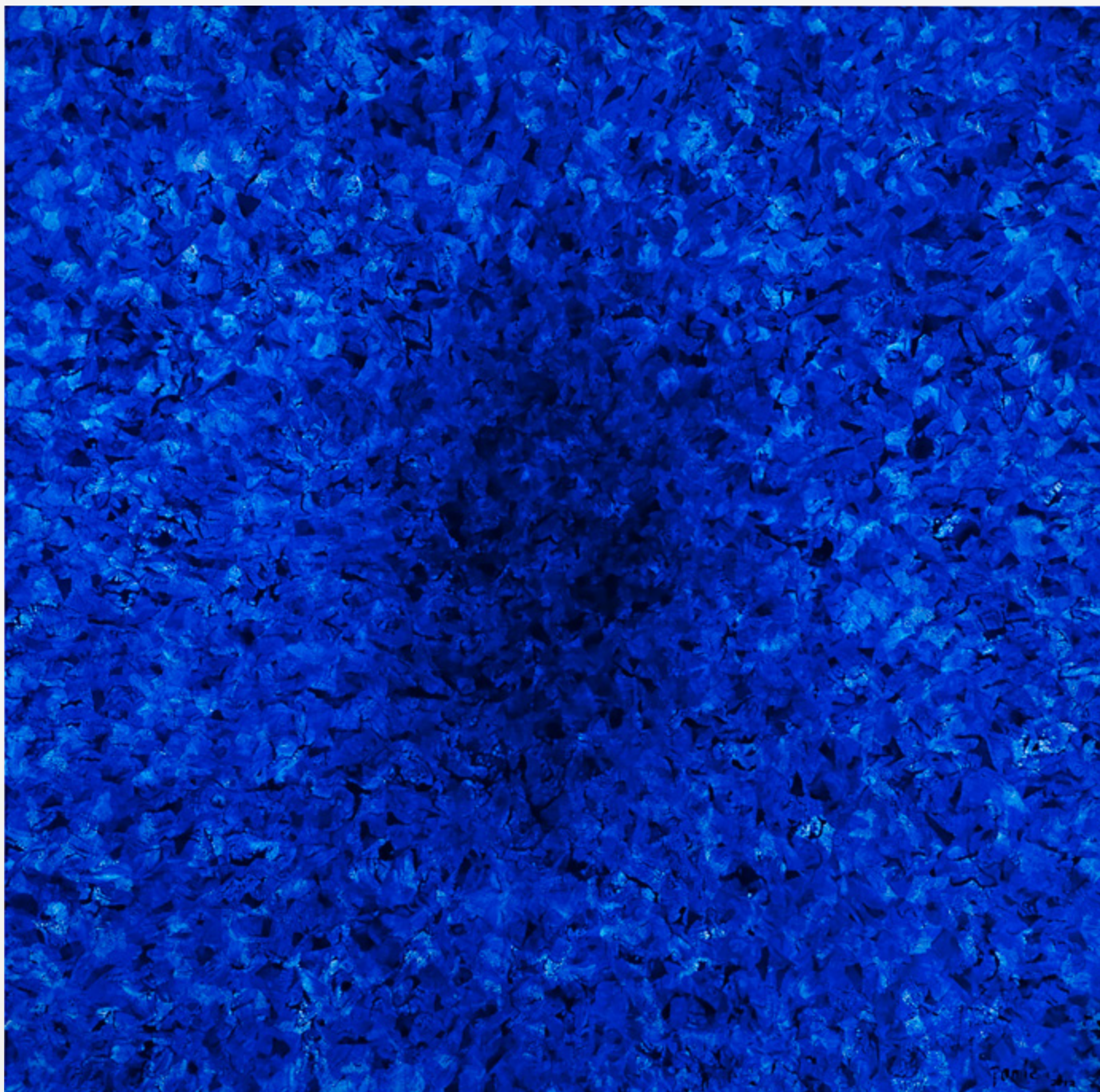
Em 2009, o artista começou a criar "Caixas" (2009 - 2013), uma série de pinturas em caixotes de madeira semelhantes a caixas de frutas encontradas em feiras. Medindo 38 x 32 cm, com faixas de vários tamanhos, elas sintetizam as motivações do artista: luminosidade, função e afeto. "Caixas", gradualmente, deram espaço para outros trabalhos, como "Ripas" (2009 - 2013) e "Pontaletes" (2010 - 2013) e, mais recentemente, "Tijolinhos" (2013). Penduradas nas paredes da galeria, as obras de Sister parecem pertencer a algo deste mundo, mas ao mesmo tempo fora dele, como pequenos gestos poéticos: uma evidência artística de que o mundo, quando examinado cuidadosamente, esconde uma felicidade simples.

Sérgio Sister nasceu em 1948, em São Paulo, onde reside e trabalha. Participou das 9ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1967, 2002). *Charles-Henri Monvert, Sérgio Sister: a cor reunida* (Galerie Emmanuel Hervé, Paris, França, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); *Obra Menor* (Ateliê 397, São Paulo, Brasil, 2009); e *Ao mesmo tempo o nosso tempo* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2006) são algumas das mostras coletivas de que participou há pouco. Entre suas exposições individuais recentes estão: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sérgio Sister* (Galerie Emmanuel Hervé, Paris, França, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brasil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Suas obras fazem parte de acervos como os do Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; e Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil.

Representative of the Geração 80, Sérgio Sister revisits an ancient theme in painting: the interplay between surface and three-dimensionality, in an attempt to liberate painting in space. What marks his production is a superimposition of chromatic layers, causing distinct fields of colors to co-exist harmoniously side-by-side while preserving its autonomy.

In 2009, the artist started making "Caixas" (2009 - 2013), paintings on wooden crates akin to fruit boxes found in open markets. Measuring 38 x 32 cm, with bands of various widths, they carry a synthesis of the artist's preoccupation: luminosity, feature, and affection. "Caixas" gradually gave way to other works such as "Ripas" (2009), the larger "Pontaletes" (2010), and most recently, "Tijolinhos" (2013). Seeming to belong to something that can be found in this world but simultaneously removed from it as they are hung on gallery wall space, Sister's works are like small poetic gestures, an artistic proof that the world, carefully scrutinized hides a simple happiness.

Sérgio Sister was born in 1948, in São Paulo, where he lives and works. He featured in the 9th and 25th editions of the Bienal de São Paulo, Brazil (1967, 2002). Recent group shows include: *Charles-Henri Monvert, Sérgio Sister: a cor reunida* (Galerie Emmanuel Hervé, Paris, France, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2010); *Obra menor* (Ateliê 397, São Paulo, Brazil, 2009); and *Ao mesmo tempo o nosso tempo* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2006). Recent solo shows include: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Sérgio Sister* (Galerie Emmanuel Hervé, Paris, France, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brazil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; and Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil.



Tomie Ohtake  
**sem título/untitled** 2012  
acrílica sobre tela/  
acrylic on canvas  
200 x 200 cm



Uma aparentemente paradoxal relação entre silêncio e ritmo permeia os trabalhos de Tomie Ohtake desde a década de 1960, quando a artista se firma na arte abstrata, notadamente pinturas e esculturas, além de trabalhos sobre papel. Poucos elementos habitam as planícies de suas obras, muito concisas e de metódica fluidez, imagens que flertam com as formas sinuosas e sensuais da tradição japonesa.

A pesquisa constante de cor, textura, forma e transparência revela-se em todas as suas fases de produção e nos diversos expedientes técnicos adotados – da tinta rarefeita à mais volumosa, da paleta sóbria aos contrapontos de cores saturadas e vibrantes. Nota-se, alternada ou simultaneamente, a influência do suprematismo, da abstração caligráfica, do anamórfico – facetas que não negam que Tomie mantém relações com a tradição, mas que desenham um trajeto original de criações atemporais e sensíveis, fluidas. Suas esculturas levam ao campo tridimensional as mesmas questões que a artista confronta em duas dimensões – surgem como manifestos de caligrafias táteis, traços de dança plasmados no espaço, nos quais forma e cor têm importância. Uma peculiar comunicação do indecifrável revela a contemporaneidade de seu trabalho – ele contém algo de inefável, mas produz uma imediata sensação de cumplicidade visual e sinestésica.

Japonesa de Kyoto, Tomie Ohtake nasceu em 1913, e hoje vive e trabalha em São Paulo. Participou de inúmeras bienais, como a Bienal de São Paulo, Brasil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003); XI Bienal de Veneza, Itália (1972); 1ª e 2ª edições da Bienal Latino-Americana em Havana, Cuba (1984, 1986), entre outras. Entre suas exposições coletivas recentes estão: *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA's Collection* (Art Museum of the Americas, Washington, EUA, 2013); *Mulheres* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2012); e *Um século de arte brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2006). Suas mais recentes exposições individuais são: *Um fluxo das formas* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); e *Pinturas cegas* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011).

A seemingly paradoxical relationship between silence and rhythm has permeated the works of Tomie Ohtake since the 1960s, when the artist became established in abstract art, notably paintings, sculptures, and works on paper. A few elements inhabit the spaces of her artwork, very concise and endowed with a methodical fluidity, images that flirt with the winding, sensual shapes of Japanese tradition.

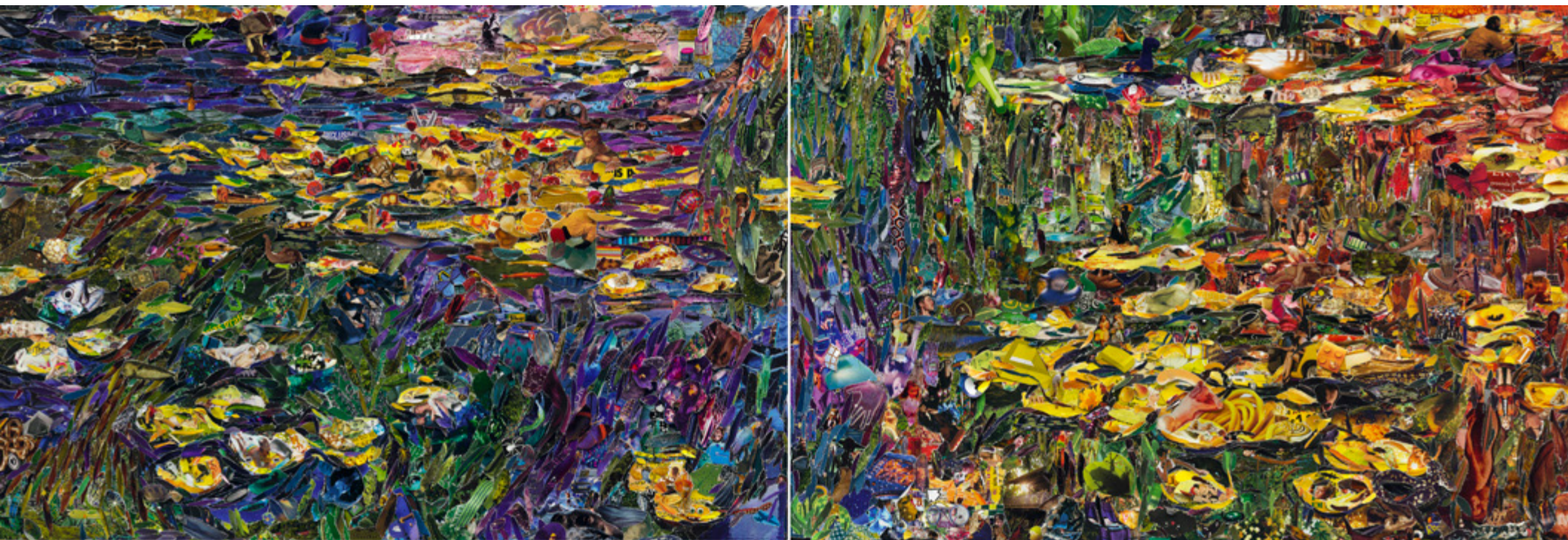
A constant research into color, texture, form, and transparency is revealed in all stages of her production and the various procedures she uses—from thin to thicker paint, from a sober palette to counterpoints of saturated, vibrant colors. One notes either alternating or simultaneous influences of suprematism, calligraphic abstraction, the anamorphic—facets which do not deny Ohtake's relations with tradition, while also outlining an original trajectory of timeless, sensitive, fluid creations. Her sculptures bring into the three-dimensional field the very issues she confronts in two dimensions—they emerge as manifestos of tactile calligraphies, dance moves turned to plasma into space, in which shape and color are important. A peculiar communication of the undecipherable reveals the contemporary character of her work—it contains something ineffable, however gives off an immediate sensation of visual and synesthetic complicity.

Born in Kyoto, Japan, in 1913, Tomie Ohtake lives and works in São Paulo. She has featured in several biennials, such as the Bienal de São Paulo, Brazil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998, and 2003); XI Venice Biennale, Italy (1972); 1st and 2nd editions of the Latin American Biennial in Havana, Cuba (1984, 1986), among others. Recent group shows include: *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA's Collection* (Art Museum of the Americas, Washington, USA, 2013); *Mulheres* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil, 2012); and *Um século de arte brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2006). Recent solo shows include: *Um fluxo das formas* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); and *Pinturas cegas* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011).



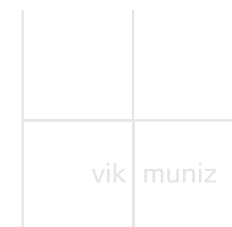
Vik Muniz -- Sandcastle # 01 (Château de Chambord) 2013 -- c print digital/digital c print -- ed.1/6 -- 180 x 237,5 cm





Vik Muniz  
**Pictures of Magazine 2: Nymphaeas, after Claude Monet (diptych)** 2013  
c-print digital/digital c print ed 2/6  
180 x 530 cm (180 x 265 cm cada/each)





Vik Muniz nasceu em São Paulo, Brasil. Ele mora e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Em dezembro de 2008, Vik foi o artista convidado da série de exposições *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*, do MoMa de Nova York. Individuais recentes incluem: *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, EUA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Outras exposições individuais de Vik Muniz nos últimos anos foram: *Vik Muniz*, na House of Photography, *Pictures of People*, no Baltic Centre for Contemporary Art, Reino Unido; *Vik Muniz*, no Museu Irlandês de Arte Contemporânea, em Dublin; *Vik Muniz*, no Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, Espanha; *Vik Muniz*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Suas principais exposições individuais nos EUA foram: *The Things Themselves: Pictures of Dirt*, no Museu Whitney de Arte Americana, em Nova York; *Vik Muniz*, no Museu e Galeria de Arte Tang Teaching, em Nova York; *Clayton Days*, no Frick Art & Historical Center, em Pittsburgh; e *Ver é Crer*, no Centro Internacional de Fotografia de Nova York. Vik foi artista convidado da 49ª Bienal de Veneza, da 2000 Biennial Exhibition no Museu Whitney de Arte Americana, da XXIV Bienal Internacional de São Paulo e da 46ª Exposição Bienal Media/Metaphor, na Corcoran Gallery of Art em Washington, EUA.

Sua obra está representada nas coleções de grandes museus internacionais: Instituto de Arte de Chicago, Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles, Museu J. Paul Getty, Metropolitan Museum of Art, Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, Museu de Arte Moderna de São Paulo, e Victoria and Albert Museum em Londres, entre outros. Além de fazer arte, Vik está envolvido em projetos sociais que usam a criação artística como força transformadora. Um desses projetos é apresentado em *Waste Land*, documentário realizado em 2010 sobre o trabalho de Vik com catadores de lixo brasileiros. O filme foi indicado ao Oscar e ganhou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Sundance, entre outros prêmios. Em 2011, Muniz foi nomeado Embaixador da Boa Vontade da UNESCO.

Vik Muniz was born in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. In December 2008 Vik was the guest artist at the Museum of Modern Art exhibition series *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*. Recent solo exhibitions include: *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, USA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Other international solo exhibitions in recent years are: *Vik Muniz* at the House of Photography, *Pictures of People*, at the Baltic Centre for Contemporary Art in the UK; *Vik Muniz*, at the Irish Museum of Contemporary Art in Dublin; *Vik Muniz* at the Centro Galego de Arte Contemporânea in Santiago de Compostela, Spain; *Vik Muniz* at Museum of Modern Art, Rio de Janeiro and Museum of Modern Art, São Paulo. In the US major solo exhibitions are: *The Things Themselves: Pictures of Dirt* at the Whitney Museum of American Art in New York; *Vik Muniz* at The Tang Teaching Museum and Art Gallery in New York; *Clayton Days* at The Frick Art & Historical Center in Pittsburgh and *Seeing is Believing* at the International Center of Photography in New York. Vik was a guest artist at the 49th Venice Biennial, the 2000 Biennial Exhibition at the Whitney Museum of American Art, the XXIV Bienal Internacional de São Paulo and the 46th Corcoran Biennial Exhibition, Media/Metaphor at The Corcoran Gallery of Art in Washington, D.C.

His work is included in the collections of major international museums such as: the Art Institute of Chicago, Los Angeles Museum of Contemporary Art, The J. Paul Getty Museum, the Metropolitan Museum of Art, MoMA (New York), Museu de Arte Moderna de São Paulo, and Victoria and Albert Museum in London, among others. Besides making art, Vik is involved in social projects that use art making as a force for change. One of these projects can be seen in "Waste Land," a 2010 documentary about his work with Brazilian garbage pickers, which was nominated for the Oscar, won the Sundance Audience Award for Best Film, among other prizes. In 2011 Vik was nominated Good Will Ambassador by UNESCO.



Virginia de Medeiros  
Meiriele da série/from the series **Fábula do olhar** 2013  
fotopintura digital impressa sobre papel de algodão e texto emoldurado/  
digital photopainting and framed text  
ed 2/5 + 2 PAS -- 120 x 90 cm



Virginia de Medeiros  
Marcus da série/from the series **Fábula do olhar** 2013  
fotopintura digital impressa sobre papel de algodão e texto emoldurado/  
digital photopainting and framed text  
ed 2/5 + 2 PAs -- 120 x 90 cm





Virginia de Medeiros está entre os artistas escolhidos pelo curador Rodrigo Moura para o setor de **projetos SOLO** da SP-Arte. **Jardim das torturas** é a visão da artista sobre o universo sadomasoquista. O projeto, contemplado pela Bolsa Funarte de Estímulo à Produção em Artes Visuais 2012, nasceu do encontro, do convívio e da cumplicidade entre a artista, o dominador Dom Jaime e suas duas "escravas". A experiência deu origem a fotografias, vídeo, instalação, gravuras e uma performance, apresentados no Ateliê Aberto, em Campinas, em 2014.

Virginia de Medeiros is among the artists selected by curator Rodrigo Moura for **SOLO projects** in SP Arte Fair. **Jardim das Torturas**, a performance where the artist provides her vision regarding the sadomasochistic universe of Dom Jaime, was produced in 2012 with the support of the Bolsa Funarte de Estímulo à Produção em Artes Visuais . In the performance, the artist subjects herself to the condition of sex slave to undergo masochistic acts under Dom Jaime. The encounter with Dom Jaime gave way to photographs, video, installation, sculptures, engravings, and a performance presented at Ateliê Aberto, in Campinas, in 2014.

Virginia de Medeiros  
**Jardim das Torturas** 2013  
instalação/installation  
dimensões variáveis/variable dimensions

O trabalho da artista Virginia de Medeiros converge de estratégias documentais, para ir além do testemunho, questionando os limites entre realidade e ficção; a artista lida com três pressupostos comuns aos campos das artes e do documentário: o deslocamento, a participação e a fabulação. Adaptando imagens documentais para usos subjetivos, pessoais e conceituais, propiciando a revisão dos modos de leitura e representação da realidade e da alteridade. A artista atua na área de arte e tecnologia com ênfase em vídeo-instalação e audiovisual, sempre buscando convergir linguagens das artes e das mídias, expandindo as concepções estéticas e tecnológicas a fim de gerar novas possibilidades expressivas.

“Sérgio e Simone” (2009), obra que participou da 31ª Bienal de São Paulo e premiada no 18º Festival de Arte Contemporânea Videobrasil com o Prêmio de Residência ICCo retrata Simone, uma travesti, que morava numa casa arruinada na Ladeira da Montanha, antiga ligação entre a Cidade Alta e Baixa. Como a maioria dos habitantes desta área, uma das mais degradadas da cidade de Salvador, Simone era usuária de drogas e, cerca de um mês depois da primeira filmagem, ele entra em convulsão por causa de uma overdose de crack, seguida de um delírio místico, no qual acredita ter se encontrado com Deus, um encontro que a teria feito escapar da morte. A partir desse episódio Simone abandona a sua condição de travesti, volta para casa dos pais, retoma o seu nome de batismo Sérgio e, num surto de fanatismo, se considera uma das últimas pessoas envidas por Deus para salvar a humanidade.

Virginia de Medeiros nasceu em 1973, em Feira de Santana. Vive e trabalha em São Paulo. Participou do Programa Rumos Itaú Cultural e da 27ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2006); foi residente no Centro de Artes La Chambre Blanche, em Québec, Canadá (2007) e no programa de residência artística *Women for Peace* em Díli, Timor-Leste (2009). Participou da 2ª Trienal de Luanda *Geografias Emocionais, Arte e Afectos, Luanda, África* (2010). Participou da 32ª Panorama de Arte Brasileira, MAM São Paulo, Brasil (2011); recebeu a Bolsa PIESP, São Paulo, Brasil (2011). Ganhou a Bolsa Funarte Estímulo à Produção em Artes Visuais, São Paulo, Brasil (2012). Entre suas exposições coletivas estão: *18º Festival Videobrasil, SESC Pompéia*, São Paulo, Brasil (2013); *Vídeo Guerrilha - intervenções urbanas*, São Paulo, Brasil (2011); *Fala dos Confins*, Complexo Cultural Funarte São Paulo, Galeria Flávio Carvalho, São Paulo, Brasil (2010). *Faille, La Chambre Blanche*, Québec, Canadá (2007); *Entre o Público e o Privado: Transições na Arte Contemporânea*, Dragão do Mar, Fortaleza, Brasil (2005); *Paradoxos Brasil*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2005); *Apropriações/Coleções*, Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002); *Instalações Bahia 2001*, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil (2001) BA; entre outras.

The work of Virginia de Medeiros centres on documentary strategies, as a means to go beyond main stream accounts and to question the limits between reality and fiction. The artist deals with three common concerns within the field of art and documentary: dislocation, participation, and fabulation. Adapting documentary images for subjective and conceptual use, revising modes of reading and representing reality and alterity, de Medeiros employs video installation and audiovisual work to converge the language of art and media and expand the aesthetic possibilities to generate new modes of expression.

“Sérgio e Simone” (2009), a video installation shown at the 31st São Paulo Biennial and recipient of the ICCo residency award at the 18th Festival de Arte Contemporânea Videobrasil, documents the life of Simone, a transvestite who lived at the Ladeira da Montanha, in Salvador, capital of Bahia. Like most the residents of the borough, Simone was an avid drug user. However, after a crack overdose, she suffered a mystical delirium which enabled her to “find God” and circumvent death. From this episode onwards Simone abandons her identity as a transvestite, retakes her baptism name of Sérgio and becomes an avid evangelical preacher in a delirious quest to save humanity. By accounting the lives of Sérgio - Simone - Sérgio, the artist explores the fluidity of gender and identity, as well as the many narratives involved both in the construction of the self and the specific social structures which surround individuals.

Virginia de Medeiros was born in 1973 in Feira de Santana. She lives and works in São Paulo. In 2006, she participated of the Programa Rumos Itaú Cultural and the 27th Bienal de São Paulo, both in São Paulo, Brazil. In 2007, she was an artist in residency at Centro de Artes La Chambre Blanche (Quebec, Canada, 2007) and later in 2009 at *Women for Peace* (Dulí, East Timor, 2009). She featured in the 2nd Trienal de Luanda *Geografias Emocionais, Arte e Afectos* (Luanda, Africa, 2010); “32º Panorama de Arte Brasileira” (MAM São Paulo, Brazil, 2011); and was recipient of the Bolsa PIESP (São Paulo, Brazil, 2011). She was awarded the Funarte Estímulo à Produção em Artes Visuais (São Paulo, Brazil, 2012). Among her group shows are *18º Festival Videobrasil* (São Paulo, Brazil, 2013); *Vídeo Guerrilha - intervenções urbanas* (São Paulo, Brazil, 2011); *Fala dos Confins* (Funarte São Paulo, São Paulo, Brazil, 2010); *Faille, La Chambre Blanche* (Quebec, Canada, 2007); *Entre o Público e o Privado: Transições na Arte Contemporânea* (Dragão do Mar, Fortaleza, Brazil, 2005); *Paradoxos Brasil* (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brazil, 2005); *Apropriações/Coleções* (Santander Cultural, Porto Alegre, Brazil, 2002); *Instalações Bahia 2001* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2011); among others.

